2 Por uma literatura da plena atenção

Advertência: este texto também está marcado por

Anicca Dukkha e Anatta

É preciso ser homem. Admitamos o que precisamos ser. Temos um nome, nos deram um nome. Começamos de um nome. Ou um pouco antes, se quisermos visitar o útero. Ou um pouco antes, se quisermos o esperma. Para voltar use o pensamento. Para avançar use o pensamento. Nascemos homem, animal que pensa.

Meu nome é Diana.

Eu poderia mudar se quisesse. Mas Diana significa Deusa da Caça. Tenho um irmão que se chama Guarani. Na época meus pais moravam na Itália e escolheram nome que lembrasse o Brasil: Guarani. Se eu fosse homem me chamaria Simbad. Trezentas pessoas *curtiram* Diana. Usemos meu nome como exemplo.

Estamos grávidos. Não sabemos ainda se menino ou menina, o que nos impede de decorar quarto e comprar roupas de bebê. Por via das dúvidas temos brinquedos para cada um dos sexos. O que não servir doaremos a instituição carente. Não conseguimos deixar de pensar em como nosso filho vai ser.

Magro ou gordo. Salgado ou doce. Montanha ou praia. Matemática ou Letras.

Sejamos honestos.

Em algum momento precisaremos aprender *a vida é assim*. Senão, problemas de nos sustentarmos onde seja. A verdade: em geral aprendemos rápido. Mediante a experiência de que. Aqueles que não aprendem são o quanto antes erradicados de seu meio.

Conheci um homem conheci aos dezesseis. Um homem que não se incomodava de ser erradicado de seu meio. Tem certeza qual o nome dele? Não sei. Não disse não tinha disse não sei. Então conte por favor.

Era uma vez um homem nem mau nem bom, um homem que não se tornou alguma coisa. *Sou um homem doente, sou um homem despeitado, sou um homem desagradável*¹. Normalmente vantagem se conta de outra maneira. Ânimo, homem! Você tão sensível, qualifiquei elogiosamente. Na hora só conseguia pensar no que você pensaria – quem, eu? – é, imaginei o que pensaria quando te contasse essa história.

Então conte então conte por favor.

¹ Dostoievski, Fiodor; p.9

Não se escolhe ir ao colégio. O processo dispara como se curso natural das coisas. *A vida é assim*. Novos demais para frear a mão que nos conduz rumo à entrada e lhe perguntar tem certeza. Escola começa na chupeta. Assimilamos o medo, e enquanto não adestrados a camuflá-lo, a resistência transparece não títere da razão.

INT. CORREDOR.

DIANA segue até a coordenação. Pede para falar com o DIRETOR. SILVIO a recebe. Os dois se cumprimentam com um aperto de mão e sentam.

DIANA

Silvio, decidi largar o colégio.

Consideremos três aspectos do desejo (Tanha). Kama Tanha: a busca (sedenta) pelo prazer dos sentidos. Que tal uma musiquinha. Bravo! E dançarmos. Bravo! E bebermos. Bravo! E comeremos. Bravo! E dançávamos comíamos bebíamos até que. Conta estou louca para saber. A gente dançava bebia. Quer dizer eu não comia tanto porque sabia que se fôssemos para a cama. Vocês foram? Não te disse que cheguei em casa só agora. Conta estou louca para contar. Depois de dançarmos bebermos desenfreadamente já quase trepando no chão ele sussurrou no meu ouvido estamos quase trepando no chão. O motel ficava perto, e pá.

Então foi bom você gozou vai rolar de novo? Não só bom. Foi, sabe, mágico? A melhor trepada do mundo. Eu só conseguia repetir quero dar para você o dia inteiro não quero parar de dar para você quero ser sua em todas as posições vamos ficar aqui o dia inteiro. Que assim seja. Assim foi.

Kama Tanha, o famoso quero mais. O orgasmo dos sentidos e a avidez de revivê-lo. O segundo prato. O dispositivo soneca. Quantas barras de chocolate você já comeu? Ano de vestibular. Acordar às 6h. Sirene: 7h15. Os alunos aguardam em três pátios situados entre vários prédios. Das janelas dos prédios se avistam os pátios; os mesmos do recreio. Às segundas-feiras todos de pé entoam três hinos: o do Brasil, o da Bandeira e o do colégio. Aula até o almoço. Aula após o almoço. Aula após aula pós-almoço.

Muito prazer, me chamo Diana e narro minha história de vida como se roteiro de cinema.

Começamos de um nome. Ou de alguém que anuncia. Se menino chamará. Tem cara de. Que nem o pai. Se menina que nem a vó. Escolhamos um nome. Vinte e quatro letras. Um abecedário para combinar. Começemos de nome que inspire respeito. Consistência que independa de humor. Visitemos o cemitério.

Conheci aquele homem mas como o conheceu? Conheci aquele homem: o senhor trabalha tem mulher? Funcionário público. Mas dispense o senhor. Sei sou um velho na frente de um menininho quantos anos tem. Corrige: menina, senhor; veja meus peitinhos. Dispensai o senhor! Ao mesmo tempo em que me censurava pelo vocativo, o homem se dirigia a mim como se a grande plateia!

Na primeira parte de *Notas do subterrâneo*, Dostoiévski unifica protagonista e narrador em primeira pessoa no singular que se dirige a suposta segunda pessoa no plural. Vós, senhores. O recurso permite elasticidade na elaboração de perguntas por imaginada plateia desafiadora (o vós) e, por conseguinte, serve de base à exposição de seu (extravagante?) sistema filosófico. A criação do contexto dialógico – que se apresenta com febre de briga de galos, visto que vós se nos transmite pela imagem de plural contestador que o homem do subterrâneo confronta ferino – incita o leitor a tomar algum partido.

O senhor trabalhar tem mulher? Funcionário público, cargo insignificante.

Perguntei, devido ao cargo (e à afetação), se era escritor. Não me ouvia. Falaria por horas sem ouvir. Só continuei porque imaginei o que você pensaria quando te contasse essa história.

Então conte então conte por favor.

Ele já não trabalhava. E? Vivia de herança. Não enriquecera mas o suficiente para se livrar do emprego.

Menininho, quantos anos tem. Às vezes no meio da imensa plateia eu existia e me orgulhava e me apressava já conformada com o novo sexo: dezesseis! Eu quarenta. Apenas imbecis vivem tanto tempo. Afirmando sem remorso, posto que viverei o dobro; vivem excessivamente os homens doentes.

Naquele momento constatei este homem parece sentir prazer no sofrimento.

Existe Dukkha: insatisfação dor ansiedade desilusão amargura tormento aflição angústia desconforto transtorno enjoo aperto no coração preocupação tristeza miséria nojo desespero agonia.

Tomemos como exemplo o jornal de hoje. Boa noite.

Ora. Nessas manchetes apenas recompensas gestações. Fossem deslizamentos tiroteios suicídios. Realmente. Há de se concordar. Por favor use a poltrona. O melhor que temos a oferecer. Rinite? Devido ao tempo. Nesta casa costuma. Oh claro umidade. Concordamos. Há de se concordar. Fossem deslizamentos tiroteios suicídios.

Acompanhados, comentaríamos voz baixa a nós mesmos: você viu que tristeza naquela região. Sozinhos, comentaríamos voz alta a nós mesmos: que morredouro que moinho. E caso algum conhecido figurasse na lista dos afetados pela tragédia caso precisássemos dar a notícia? Não é regra. O quê? Não é regra que comentaríamos em voz baixa em voz alta, depende; ademais rouba a força da repetição “a nós mesmos”. Concordamos há de se concordar.

Começamos de um nome. Muito bem! Já é um começo. Agora onde. Começamos de um nome já tem onde enfiamos na boca de começamos de um nome o faça parar. Em breve cresce para incomoda aprenda a ter. Respeito. Como ensinar a ter. Ora muito me admira. Você tão bem isso tão bem aquilo tanta dificuldade de aprender a ter. Começamos de um nome já tem onde agora aprenda a respeito. Precisamos de nome menos comprido para Começamos de um nome.

O colégio *tem*: seus políticos; seus transgressores; seus gênios; suas musas; seus vigilantes; seus excluídos; seus castigadores. Se atentos ao microcosmo em que nos meteram, nos instruímos rapidamente sobre o funcionamento geral do que *tem* a vida. : a entidade-colégio era uma máquina de trituração da criança possível. Eu só conhecia o saber da superfície e não tinha nenhum tipo de recolhimento capaz de gerar a confiança no ato de pensar².

INT. CORREDOR. DIANA segue até a coordenação pede para falar com SILVIO.

Descrição da personagem. Diana, no ano desta sequência, é representante de turma, oradora, ganha chequinho. Chequinho: nome dado pelo padre à quantia de dinheiro fornecida em homenagem ao desempenho escolar e adaptação ao mercado.

♪ desempenho ∩ mercado♪

² Pessanha, Juliano Garcia; p. 42

Biografia da personagem (1984-2003): Nos primórdios da fala, a palavra mais repetida: não. Menstruou aos onze anos. Apesar de bem-informada (!) não previa da primeira menstruação o aspecto de merda. Mostrou à calcinha ao PAI – a partir de então PEDRO –, acometida pela inquietação com o cagar nas calças. Pedro sugeriu consulte sua MÃE – a partir de então ANA –, entretanto a esquiva não reflete a estrutura da família; Pedro sempre participou dos problemas íntimos dos filhos. Diana nasceu caçula numa família de três: os irmãos mais velhos DIOGO e GUARANI. As avós viúvas. Conviveu mais com a de parte materna, paraguaia como a mãe, que acreditava ao vir para o Rio que agentes da CIA a perseguiriam desde Assunção, onde morava. A avó não dormia e colocava armadilhas sobre a porta. Antes de entrar na fase menos encarquilhada da memória, antes dos dez, Diana perguntou à Ana se era especial por ser a mais nova e única mulher; obteve consentimento. (Anos depois, Ana negou essa versão, de modo que do fato se deve considerar apenas a preocupação de Diana em ser especial.) Na primeira vez que a obrigaram a dormir sozinha, virou a noite brincando de lego. Durante todos esses anos só dormiria se vencida pela exaustão. À noite Diana chorava de medo de que os pais se separassem porque durante toda a infância discutiam alto e falavam em separação. À noite Diana chorava de medo que os pais morressem e decidiu morreria antes deles. Morreria aos trinta e dois anos, em 2016. Nesta época não conhecia Sylvia Plath nem outros famosos suicidas. Aos doze anos anunciou aos pais que gostava de homem e mulher. Diana não gostava de homem e mulher ainda, no entanto considerava racionalmente correto não limitar o amor ao sexo. Pedro e Ana tiveram suas biografias marcadas pela fuga do país em época de ditadura, além de lembranças excêntricas com personagens como Glauber Rocha e Dom Hélder Câmara. Pedro sempre se ligou de maneira instável ao cinema. Ana herdou o contato com as letras – seu pai, professor de História (na instituição de ensino em que Diana cursaria mestrado anos depois) – e vasta biblioteca (externa e internamente). Nenhum dos dois se formou, visto que o Instituto de Filosofia de Ciências Sociais foi fechado e precisaram fugir do Brasil. Após percorrerem mais de trinta e cinco países sem um tostão, Pedro e Ana voltaram com Guarani. Anos depois, Pedro costumava ligar para a Casa Branca deixando o seguinte recado na secretária eletrônica: STOP THE WAR! Com os pais se conversava sobre tudo e assim aceitaram aos doze anos que Diana gostasse de meninos e meninas. Também acharam válida a argumentação aos quinze de que o ato sexual feito em casa, no próprio quarto, arriscaria menos a segurança da

filha que praticá-lo no motel, em carros ou em ambientes hostis, além de não criar barreiras desnecessárias no diálogo entre pais e filha. Em seguida, Diana ganhou sua primeira cama de casal, que, na época, pelo fato de Ana seguir “bem” empregada, comprou-se sem problemas. Perambular caçula e única mulher nesse ambiente familiar contribuiu para não aceitar as pré-determinações do *a vida é assim*. Diana pouco a pouco sentiu o descompasso entre dentro de casa e a repressão no colégio – e aqui entenderemos por colégio o mundo *de fora*. Tornou-se a cada dia mais agressiva, autoritária, sozinha e o que mais vocês quiserem acrescentar aí. Paradoxalmente ao isolamento, transitava nos mais variados meios, dos populares aos nerds, e consolidou amizades fortes. A mais duradoura, LORENA, sua vizinha desde um ano de idade, morava no apartamento de baixo e também dividia a mesma sala na escola. Ao descobrir que Diana estava com piolho, o pai de Lorena, levou Diana à sua babá e determinou que ela não voltasse mais à sua casa. Exceto por essa lacuna, durante os dezoito anos Diana esteve colada à Lorena, até que esta morreu num acidente de trânsito em abril de dois mil e três. Nesse meio tempo Diana também presenciou outras mortes: tias, vó, Nan Kim, Victoria e Felipe (amigo por quem se apaixonara na sétima série). Diana não fazia sucesso com os meninos da escola. Até então, suas paixões, que não eram poucas, contabilizavam-se em sucessivas rejeições. Não tinha peitos, e sim cabelo desganhado. Diogo e Guarani a apelidaram quando criança de aborto da natureza. Conheceu seu primeiro namorado, Marcos, pela internet. Começou a namorar com ele depois que transaram; na época isso fazia sentido. Desenvolveu extrema habilidade nas matérias Português e Redação. Zero nas outras. Ganhou fama no terceiro ano pela incompetência matemática, e se orgulhava disso. Apesar da inaptidão para tudo o que não fosse Português, curiosamente figurava sempre entre as melhores alunas da turma – o ranking aparecia na parede ao lado do bebedouro a cada boletim. Por não dormir à noite, desabava em sala de aula ou no banheiro. Numa dessas vezes, o padre entrou para entregar o chequinho. (Diana se orgulhou de estar dormindo.) Para o professor de Física inventou que prestaria vestibular para Oboé, de modo que assim ele não a atormentasse com os simulados, e lhe ficou devendo um concerto. No terceiro ano, permanecia em sala na hora do recreio, quando se alternava entre dormir e cantar “La donna è mobile” para os moribundos que não desciam. Aos amigos que deduziam ela ingressaria em Letras na faculdade, respondia j-a-m-a-i-s, que cursar Letras em nada se relacionava ao amor por escrever. Escolheu Cinema na UFF e Artes Cênicas na Unirio. No primeiro

Fenômenos interdependentes nascem e morrem a cada milésimo de segundo (os compostos-homens se incluem nisso) e, diante do zigue-zague, desejamos: perpetuar as sensações de prazer, eliminar as de desprazer e, sobretudo, solidificarmos um ego (indissociável de pensamentos indissociável de circunstâncias da vida).

Ponderemos. Demolir um ego que lapidamos por toda a *nostra* vida?

Ponderemos. Não solidificamos nada, e lapidar consistiu em nada além de nutrir o apego. Um passo para entender Anatta (Não-eu) é nos familiarizarmos com o que gera a impressão de ego. Os Cinco agregados (Khandhas). 1. Forma 2. Sensações 3. Percepções 4. Formações mentais 5. Consciência(s)³.

Ah, mas já existem contestações a respeito da consistência da identidade, contestações que relevam a interdependência entre eus que se embasam através da percepção/recepção/ão de outros eus.

Concordamos há de se concordar. Contudo, a velocidade aqui implica enorme diferença: os Cinco agregados integram os mesmos fenômenos de surgindo-cessando em tamanha aceleração, que a constituição de qualquer percepção dependeria do apego, e, assim, da opção pelo pensar em vez da experiência do presente.

(Martelaremos esse ponto exaustivamente ao longo da monografia.) Portanto. Apego ao corpo. Apego a sensações. Apego a percepções. Apego às formações mentais. Apego às consciências.

Da nutrição do apego, a insatisfação com o presente. Um estudante de cinema não ignora os vinte e quatro quadros por segundo. Buda não ignorou que cada coisa a que atribuímos identidade igualmente consiste num composto de rodando compondo rodando em simultâneas dimensões. Fora do Nibbana (Nirvana), só existem surgindo e cessando (Udaya-baya) em aceleração frenética. Nada controlaria portanto o surgindo e cessando, não existiria agente separado da ação.

Ao nos deludirmos com a ocultação das Três Características – ou quando os ignoramos em absoluto – nos acorrentamos cegamente ao Samsara.

Atribuir personalidade ignora a rotação ininterrupta dos Cinco agregados. *Ninguém muda de uma hora para outra* só existe porque a todo custo o apego não permite o fluir como *ninguém* conectado aos *ninguéns* de uma correnteza.

³ No glossário desta dissertação, termos como este são explicados com maiores detalhes.

Posso dar um palpite? Oh claro siga. Talvez Diana precisasse ouvir *não faça*. Talvez anunciar que sairia do colégio equivalesse a quem ameaça suicídio esperando que supliquem não se mate. Relevemos que ela se preocupava em se sentir especial. Além do mais ninguém cursa todos os anos para depois largar a escola. Basta salvar o mínimo de tenacidade e concluir que em alguns meses obterá um diploma.

Posso discordar? Oh claro vocês não me precisam me pedir permissão para tomar a voz. Discordem, palpitem, ponderem. Obrigada então: discordo de que ninguém curse todos os anos para depois. Muita gente leva, por exemplo, a faculdade ao último período e só então chuta o balde. Também há quem ameace suicídio durante anos e realmente se mate.

É preciso ser homem. Começamos de um nome. Homem. Original assim? É preciso ser forma : cabelos pelos unhas dentes pele carne tendões ossos tutano rins coração fígado diafragma baço pulmões intestinos estômago fezes bÍlis fleuma pus sangue suor gordura lágrimas óleo saliva muco sinóvia urina cérebro⁴

; maneta vesgo ; corcunda barrigudo pernudo bochechudo testudo narigudo quadrilátero pentágono polígono pirâmide trapezoide ogiva parábola meia-lua bambolê; Existe Dukkha, eis a primeira das Quatro nobres verdades.

Dukkha se traduz usualmente como sofrimento/ insatisfação/frustração. Portanto, existe Dukkha – se nos propuséssemos à explanação protocolar – exprimiria: existe o sofrimento/ existe a insatisfação/existe a frustração.

Para evitar confusão, foi feita uma distinção entre tipos de sofrimento. Dukkha-dukkhatā é a dor das sensações desagradáveis e é conhecida por todos. Parināma-dukkhatā é a dor causada pelo desaparecimento do prazer e da felicidade. Samkhāra-dukkhatā é a forma mais sutil de “dor”, plenamente reconhecida apenas pelos que são dotados de discernimento espiritual. É a dor causada pela instabilidade e transitoriedade inerentes a todos os fenômenos⁵.

Na *minha* opinião, Diana era dessas que se angustia muito. Angustia porque presa no *a vida é assim*. O problema: não encontrar o *dessas*. Não encontrar outros que se angustiassem porque presos. Ao lado, as pessoas, de maneira ou outra, costumavam repetir *bem isso é coisa de homem isso é coisa de mulher isso é o sistema acadêmico*.

⁴ Essas são as trinta e duas partes do corpo reconhecidas pelo Buda histórico, Sidarta Gautama.

⁵ Pande, G.C; p. 5

Oh vos referis aos homens de ação? Esses sim sabem se vingar se defender. Nem por um minuto questionam. Reparais contudo quão risível: um muro os contém imediatamente. A lógica para as toupeiras, verdadeiro muro. Estendei equação aritmética, proposição científica, decreto do departamento: logo baixam a cabeça e concluem nada a fazer. Logo baixam a cabeça se acalmam seguem *suas* vidas. Como os invejo, senhores. Já me apresentei?

Conheci um homem do subterrâneo conheci um homem rato. Atenção: ninguém absolutamente ninguém me obrigou a me considerar assim.

A essa altura eu já não esperançava centelha de diálogo; a essa altura me limitava a integrar *sua* imaginária audiência. Averiguo:

alcançais o conceito? Alcançais o que a oclusão em rato significa? Eu, mais inteligente que todos os que me cercam, nomeado pela natureza para carregar o fardo da extra-consciência. Dotado no entanto de ínfimo amor-próprio, me tornei um rato; distinguis um rato em ação? Rato: aquilo que mastiga carcome cada sutileza. Assim sobrevivi acrescentando por anos e anos ao passado o que o complexasse e me inflamasse o ressentimento;

o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma *olha de través*, ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria⁶.

Alcançais? Como rato me escondi sem engolir a farsa nem protestar. Contra quem! Ao sair às ruas me embrenhava em confusões depois me comovia me atirava ao chão rogando perdão a deus e o diabo me inundava com promessas sobre novos meios de vida ações saudáveis e tanto estardalhaço para quê? Apenas para que depois novamente, recuperada a sobriedade, concluísse que toda culpa se arraigou na mesma patifaria e que por natureza não a posso acatar. Então retornava ao subterrâneo ao posto que voluntariamente escolhi posto de rato.

Aquele homem parecia se orgulhar do sofrimento. Gargalhai sobre *meu* prazer. Agora pensai se em algum momento da história predominou no espírito humano o esmero de agir em prol da felicidade. Refleti sobre as inúmeras vezes em que o homem dispensou a paz em nome de outro proveito: atender aos caprichos. Na *minha* opinião, Diana dessas com angústia pelo *a vida é assim*. O problema: não encontrar no colégio também outros que se angustiassem seria este mesmo o problema?

⁶ Nietzsche, Friedrich. *A genealogia da moral*; p.30

Ao apontarmos o problema ignoramos série de outros problemas que se impelem mutuamente. Ponderemos! Interessaria encontrar o dessas?

Porque, vejamos. No sentimento de não se adequar, de desconfiar da realidade, e sofrer; nesse confronto Diana não encontrava âncora? Já que no contexto de *a vida é assim* seu olhar não tinha valor, o valor “especial” não seria o de se debater contra o *a vida é assim*? Ponderemos! Mas se debater contra

o *a vida é assim* não é um valor previsto pelo *a vida é assim*?

Ponderemos! Todos os que não se adaptam ao *a vida é assim* encontram no apego ao ato de se debater, ou seja, no *eu sofredor*, uma âncora, um “valor especial” para não se desapegar do ego? Existe sofrimento $\neq$ eu sofro. Existe

raiva $\neq$ tenho raiva. Observar a existência da raiva e não se apegar à raiva impede a consolidação de inimigos. Inimigos necessariamente se opõem ao que somos. Inimizades pressupõem duelos. Entretanto, se não somos ninguém, como sobrevivem os inimigos? E sem dualismos como se travam duelos?

É preciso ser homem é preciso ser forma é preciso ser cheiro:

baunilha sardinha leite barro mofo fezes chuva Não sei, ele era um pouco branco demais, um pouco instável demais, um pouco introvertido demais, um pouco desleixado demais, um pouco inexperiente demais, um pouco infantil demais, um pouco maluco demais, um pouco esquecido demais, um pouco antissocial demais, não sei ele falou algo que eu não gostei sabe definitivamente não gostei.

Existe Dukkha:

Entra um ator em cena. Deita. Debaxo da camisa um colete. Um paralelepípedo cai sobre seu peito. Há de não somente cair. Há de seguir pressionando. Há de deformar o chão. Se acaso o diretor insistir que o ator permaneça em pé, explique ao diretor que, sem forças para se manter bípede, o personagem em pé deve se encostar à parede. Que se crie no cenário uma parede. Então contra o peito se arremessa um saco com o que se recolheu dos estábulos de todas as fazendas de todos os estados de todos os países.

: dói muito.

Dói muito e na dianteira da dor reconheçamos o apego que atribui à felicidade latitude longitude e as terras prometidas pelo CPF e RG.

"Ele me maltratou, ele me bateu, ele me derrota, ele me roubou", aqueles que abrigam tais pensamentos o ódio nunca se apacia.

O que nos separa?
O que nos separa de todos os outros é o nosso PONTO DE VISTA — como vemos o mundo. Cada pessoa tem o seu ponto de vista.
PERSONAGEM É UM PONTO DE VISTA — é a maneira de olharmos o mundo. É um contexto.

Em tempos passados, em Nova Iorque, a algumas centenas de metros de distância dos quebra-mares, aonde vêm bater as últimas ondas do Atlântico, um homem deixou-se morrer. Ele era escriba junto a um hotel, escondido atrás de um biombo, permanecia sentado à sua escrivaninha e nunca saía dali. Afimava-se de biscoitos de gengibre, permanecia um mazo de tijolos escurecidos que quase podia alcançar. Era inútil pedir-lhe qualquer coisa que fosse, reles um texto ou ir ao correio. Nem ameaças nem súplicas tinham poder sobre ele. Por fim, ficou quase cego. Foi necessário despedi-lo. Instalou-se na escadaria do prédio. Prenderam-no, mas ele sentou-se no pátio da prisão e cessou alimentar-se.

Antes de nascermos, não tínhamos sentimentos; após o nascimento, somos seres com um universo. A isso chama-se "ser mente" ou "mente grande". A isso chama-se "ser mente" ou "mente pequena". Você não percebe a diferença? Quando você não percebe, você tem mente grande. Quando você percebe, você tem mente pequena. Você não percebe a diferença? Quando você não percebe, você tem mente grande. Quando você percebe, você tem mente pequena.

O Céu é eterno e a Terra duradoura. Eles são duradouros e eternos, por não viverem para si mesmos. Isso os faz viver eternamente.

Assim também é o Sábio: por menosprezar o seu eu, este aparece em primeiro plano. Ele renuncia ao seu eu e a sua essência é preservada. Não é assim: por não querer nada para si, ele próprio torna-se perfeito?

Imagine um homem que acordou num hospital depois de sofrer um acidente de carro na estrada, e percebe que está com amnésia total. Por fora, tudo está intacto: ela tem o mesmo rosto, a mesma forma, os mesmos sentidos e a mente está lá, mas não tem a melhor idéia ou o menor estígio de memória de quem é. Exatamente do mesmo modo, não conseguimos nos lembrar da nossa verdadeira identidade, nossa natureza original. Freneticamente e na realidade apavorados, procuramos e improvisamos outra identidade, uma em que possamos nos agarrar com todo o desespero de alguém que vai cair num abismo. Essa identidade falsa e assumida em ignorância é o "eu".

Para uma vez um lugar com um pequeno inferno e um pequeno paraíso, e as pessoas andavam de um lado para outro, e encontrava-nos, a eles, ao inferno e ao paraíso, e tomavam-nos como seus, e eles eram seus de verdade. As pessoas eram pequenas, mas faziam muito ruído. E o meu inferno, é o meu paraíso. E não devemos esquecer as mitologias assim, porque são das pessoas, e neste assunto de pessoas, amá-las é que é bom. E então a gente ama as mitologias delas. A parte disso o lugar era excecível. As pessoas chamavam como ratos, e pegavam nas coisas e largavam-nas, e pegavam umas nas outras e largavam-se, e acordavam. As vezes acordavam no meio da noite e acordavam-se freneticamente. Tenho medo — diziam. E depois acordavam-se de novo e lavavam-se, e diziam: boa noite, boa noite. Isto era uma parte da vida delas, e era uma das regiões (como-

Cinco Agregados são a base do sofrimento e da confusão, porém eles também são a base da paz, da alegria e da liberação. Não deveríamos desenvolver atitudes de apego ou aversão aos Cinco Agregados.

Quando a mente é perturbada, produz-se a multiplicidade das coisas; quando a mente é acinzentada, a multiplicidade das coisas desaparece.

Para o místico oriental, todas as coisas e todos os fatos percebidos pelos sentidos acham-se inter-relacionados, unidos entre si, constituindo um simplesmente aspectos ou manifestações da mesma realidade última. Nossa tendência para dividir o mundo que percebemos em coisas individuais e isoladas, e para experimentá-las a nós mesmos como coisas isoladas neste mundo, é vista como uma ilusão proveniente de nossa mentalidade voltada para a mensuração e a categorização. Essa tendência é denominada *avidya* (ignorância) na filosofia budista, sendo considerada como o estado de uma mente perturbada que necessita ser superada.

Mas aos vinda a civilização do mundo está sujeito à derrota, o homem moderno, ricamente também, de vez em quando, e o equilíbrio de cada um, nem eu estava firme, sei que aquilo pode ser chamado de erro.

Agregado: "Agregado" traduzido também por "grupo", "conjunto" (Agregados são os aspectos nos quais o Buddha situou todos os fenômenos físicos de existência, e que aparecem ao homem ignorante como 1) ou personalidade; 2) agregado de personalidade ou físico (rúpa); 3) da personalidade (vedarúpa); 4) da percepção (saññā); 5) da formação mental (kāmāda consciência (vijñāna)). Cada um destes é um agregado ou grupo de deste tipo que estão continuamente em fluxo, assim a natureza física da

Às vezes alívio fixar em anos (Aqui jaz quem daqui tanto escapou/Que só agora não escape mais⁷), mas a cruz nada se relaciona a anos. Se por um lado sossega enterrar um sofrimento atribuindo nome e data, a incompreensão de que não se tratou de nome e data multiplica outras cruzes e cenas-limite.

Assumindo então como um problema o fato de que Diana *dessas* que se angustia muito com *a vida é assim* e não encontrava no colégio outras *dessas* e se ancorava no ato de se debater uma proteção contra o ego ignorante de que proteger o ego consequentemente a prendia ainda mais ao *a vida é assim* contra o qual se debatia, como seguiria o filme? Diana seguiria sua história de vida como se mártir, personificando a coragem de levantar a mão em sala de aula e falar o que ninguém ousa; a coragem desses que sacrificam à própria pele em nome de uma ideia!

→ A ironia aqui não reside em rachar o pré-concebido ao meio. Não reside na ação libertária. E sim no engano de atrelar a ação à identificação com um *eu*, o primeiro pré-concebido que nos cerceia a liberdade. ←

Então Diana-aquela-que-tinha-coragem-para-romper-com-avidaéassim já agendara o que fazer até os trinta e dois anos (conforme a descrição da personagem, essa seria a idade com a qual morreria): sentir os músculos ardendo e dessa dor retirar mais energia – raiva? ódio? medo? – para novamente se quebrar. Esse *eu* centrado na sua força, na capacidade de ignorar suas desgraças e renascer veloz dos combates, como se houvesse “causa a se defender intrínseca a ele mesmo”, esse *eu* é potente. Criativo. Contudo, um *eu* potente e criativo não enxerga além do Samsara.

Cabeça roça planeta.

Através da cabeça de Henry, o universo. As portas da visão esbugalhadas de susto.

Bill convida Henry a cortar o frango. *Hoje teremos frango, malditas coisas estranhas são feitas pelos homens. Coisinhas malditas são menores que meu punho. Mas elas são novas. Eu sou Bill*⁸, congela gesto de saudação. Mão direita erguida a postos para um aperto, esquerda apoiada na mesa. Bill convida Henry a cortar o frango. Henry crava o garfo no frango. Que apesar de morto borbulha sangue. Que apesar de morto mexe as pernas. Diante do acontecimento a mãe mergulha em espécie de transe – prazer? desprazer? – boca aberta língua para fora corre para a cozinha.

⁷ Beckett, Samuel. *Primeiro amor*; p. 4

⁸ Lynch, David. Sequência do jantar (início aos aprox. 20min. do filme).

Mary, filha de Bill, vai atrás. Bill e Henry restam na mesa. Bem, Henry, o que você me conta? Sorriso congela. Por mais de um minuto até que entrem novamente as duas e a mãe de Henry o intima a conversa particular. Você e Mary tiveram relações sexuais? Henry cobra direito de privacidade. Henry. Responde que sim. A mãe o avisa que sofrerá sérios problemas se não cooperar e começa a lamber o pescoço de Henry que grita por Mary que retira a mão do pescoço de Henry: não sabemos se é um bebê ainda. Mãe: prematuro mas um bebê. Quase aos prantos – quase o filme inteiro – Mary pergunta a Henry se ele se incomoda de se casarem.

O frango, morto, borbulha vida. O bebê, vivo, borbulha morte. Não sabemos se bebê.

Aquele tronco viscoso sem pernas embrulhado em gaze. Aquilo adoece se converte em úlceras boca com formiga. Converte-se em acúmulo rugoso como a porção de terra depositada sobre a cabeceira de Henry que tenta abandonar a casa. Que aquilo siga doente sozinho. Mas a morte exige companhia. Em *Eraserhead* confluências imagéticas didáticas entre nascimento e morte. O filme transcorre em preto e branco em ambiente não discernível ruído constante barulhos sobrepostos que nos despertam incômodos personagens à exaustão na posição de mortos-vivos vermes com feitio de espermatozoides e vice-versa. Henry se retrai dessa verdade até que todas as camadas (sonho, pensamentos,) se impregnam da atadura intolerável. Assim o desvelamento daquilo se revela inelutável. Ao retirar a gaze do “bebê”, a forma de um frango. No qual novamente se enterra uma das foices domésticas; uma tesoura.

Existe Dukkha: nascimento, doença, envelhecimento e morte. Nascimento? Fossem perna quebrada dor na coluna reumatismo esclerose cataratas perda dos sentidos. Concordamos há de se concordar. Fale um pouco sobre você. Falemos sobre: ascendentes manias traumas medos emoções prêmios expectativas presságios teoremas fantasias aptidões impunidades investidas Eu não sei como começar.

Comece com o que você está pensando agora. Pensávamos no quanto. Um dia nos convidaram. Pensávamos em. Quando recebemos aquele convite. Venham jantar conosco. Os anfitriões se comportavam de maneira que não se comportam os anfitriões de maneira que nos incomodou por se tratarem de anfitriões e porque os anfitriões não se devem portar dessa maneira.

Iuyljhpotsrrtyouptiüclovzperdtg. Escreve como pronuncia?

Jantar posto à mesa. Do que se trata? A cavalo dado não se olham os dentes. Comemos. No fim justificamos sentimos prazer de modo que persiste nossa curiosidade do que se trata. Então nos revelaram o nome. Que tal? Como que tal retrucamos magoados ofendidos. Quebramos os pratos incendiámos a casa nos consagramos assassinos. Não gostamos de ratos. De mendigos. De anões.

De vampiros. De devassos. De bêbados. De capachos. De bufões. De reembolsos. De haxixe. De elegias. De cornudos. De bambu. De agricultores. De espumífero.

Ah me conte mais sobre seus gostos estou louca para saber. Como que tal nos livramos deles queríamos há tempos nos livrar de tipos desagradáveis como esses.

O desejo de se livrar. *Vibhava Tanha*. Observemos quão próximos *Bhava Tanha* e *Vibhava Tanha*. Queremos nos livrar para nos tornarmos alguma coisa. Para afirmarmos que somos alguma coisa. (Alguma coisa que não isto agora.)

Existe Dukkha e Dukkha se estende a todas as insatisfações e frustrações que se concebem, não se limita a classe social nem esfera empregatícia. Ok. Se tudo é Dukkha, por que não simplifica? Se tudo o que fica em pé se sustenta se tudo é Dukkha por que não descomplica? Existe Dukkha ≠ Tudo é Dukkha.

1. Existe Dukkha (dukkham ariyasaccam) 2. Existe uma causa para Dukkha (dukkhasamudayam ariyasaccam). Existe a cessação de Dukkha (dukkhanirodham ariyasaccam). Existe o caminho para a cessação de Dukkha (dukkhamnirodhagaminipatipada ariyasaccam). Sidarta não se ateve a detectar Dukkha. As Quatro nobres verdades (cattari ariyasaccani) se apresentam como uma só.

Tais verdades não se comprometem com um pasto corporativo. Sidarta (o Buda histórico, não o Buda) não nos estimulou a enxergar duende Saci-Pererê nem bicho de sete cabeças; não nos solicitou a erguer as mãos para o céu nem carregar colares brancos no pescoço; nem mesmo nos solicitou acreditem em mim. Sugeri apenas que conferíssemos por conta própria se aquilo servia para cessar o sofrimento que, na teoria, tentamos desesperadamente cessar. Dividiu o mundo entre fenômenos materiais e mentais, e anunciou que todo o sofrimento deriva da mente. Soa implausível supersticioso insignificante demais? Ok. Se tudo é Dukkha, por que não descomplica? Porque nem tudo é Dukkha; existe uma causa para Dukkha. O desejo.

E o valor de conhecer a causa do sofrimento se resume a conhecer todas as causas dos sofrimentos. Me disseram, saciar um desejo equivale a dar um copo de água salgada a quem tem sede. Existe Dukkha, tomemos como exemplo o jornal de hoje.

pegados a ser e não-ser. Ser significa reino do desejo. Não-ser significa reino do niilismo. Estar liberado é estar livre de ambos.

A palavra *karma* significa "ação" e denota a inter-relação "ativa" ou dinâmica de todos os fenômenos. Nas palavras de *Bhagavad Gītā*: "todas as ações ocorrem no tempo através do entrelaçamento das forças da natureza".⁵ Buda tomou o conceito tradicional de *karma* e deu a ele um novo significado ao estender a ideia de interconexões dinâmicas à esfera das situações humanas. Assim, *karma* passou a significar a cadeia ininterruptível de causa e efeito na vida humana, rompida por Buda ao atingir o estado de iluminação.

Impaixão significa, literalmente, "sofrer com" o outro. *Ollhar* Quando estamos em contato com o sofrimento dos outros, enquanto importar aqui sentimento compassivo nasce imediatamente, dentro de nós.

Enquanto importar aqui o que se faz, haverá dualismo. Se você não estivesse realmente se importando com aquilo que está fazendo, não o mencionaria. Ao sentar-se estará simplesmente sentando-se, nada mais. Ao comer estará apenas comendo. É só isso. Se você diz "não tem importância", significa que está se justificando por fazer uma coisa à maneira da mente pequena. Significa que você está apertado a alguma ideia ou coisa em particular. Não é isso o que queremos dizer com "basta apenas sentar-se" ou "qualquer coisa que você faça é zazen". Certamente, qualquer coisa que façamos é zazen, mas, se de fato é, não há necessidade de o dizer.

A liberação não é escapar ou abandonar os Cinco Agregados (Skandhas): forma, sensações, percepções, formações mentais e consciência. Ainda que nosso corpo esteja repleto de impurezas e ainda que o mundo possua uma natureza ilusória, isso não significa que, para nos liberarmos, precisemos deixar nosso corpo ou o mundo. Uma vez que a Compreensão Correta seja realizada, nós transcendemos a discriminação entre puro e impuro entre ilusório e real em relação aos objetos da percepção. Se o

mento. Raras são as pessoas que não sofrem em algum nível. A pessoa que nos fez sofrer, sem dúvida alguma, está sofrendo também. Só precisamos sentar, seguir nossa respiração e olhar profundamente para enxergarmos o sofrimento dela.

A ideia de "participação em vez de observação" só foi formulada na Física moderna recentemente, mas é uma ideia bem familiar aos estudantes de física. O conhecimento mistico nunca pode ser obtido pela simples observação, mas somente através da plena participação do indivíduo que nela lança mão de todo o mundo. A noção de participante é, assim, crucial para a concepção oriental de observador e observado. Os místicos não se mostram satisfeitos com uma situação se tornam indistinguíveis. Os místicos não se mostram satisfeitos com uma situação de observador e observado, sujeito e objeto não são inseparáveis como acabam por ser separados, embora possam ser ainda diferenciados. Eles vão bem mais além, chegando, na meditação profunda, a um ponto onde a distinção entre observador e observado desaparece integralmente, onde sujeito e objeto se fundem num todo unificado e indiferenciado.

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...

Pois eu ontem estive a falar com ela, e ela disse: sou uma mulher honesta. E eu então fui para o emprego e trabalhei, e agora tenho algum dinheiro, e vou alugar uma casa decente, e o nosso filho há-de ser alguém na vida. E então a gente ama, porque isto é a verdadeira vida, palpita bestialmente ali. Isto é que é a realidade, e todos juntos, e abaixo a exploração do homem pelo homem. E era intolerável.

Começamos a alucinar e a ter visões: se houve muita negatividade em nossas vidas, podemos ver formas aterradoras. Momentos medonhos e pavorosos de nossas vidas podem voltar, e até mesmo podemos chegar a chorar de terror. Se tivermos vivido existências de bondade e compaixão, podemos sentir felicidade, ter visões paradisíacas e até "encontrar" amigos amados e seres iluminados. Há paz na morte, em vez de medo, para os que viveram existências bondosas.

Boa noite. Acompanhados, comentaríamos a nós mesmos: você viu que tristeza naquela região. Sozinhos, comentaríamos a nós mesmos: que morredouro que moinho. E caso algum conhecido na lista dos afetados pela tragédia e caso precisássemos dar a notícia? Houve um acidente tenho de lhe dizer. A essa altura todos já experimentamos a máquina de escama um nosso que se perdeu. Todos conhecemos para além do jornal quem experimentou *nosso* perdeu. Repartamos o verbo

possuir em três momentos. Aquele em que o suposto dono almeja ou se empenha em obter, aquele em que o suposto dono se preocupa em proteger – alguém arranhou *seu* carro? alguém comeu *sua* granola? –, e aquele em que o suposto dono perde, porque em algum momento toda posse lhe escapa. A essa altura todos já

experimentamos a máquina de escama assim nos lembramos da sentença. Vai passar nesta vida tudo. Nem sempre proferida com atenção. Como naquela vez

em que confortávamos um amigo: nada como dia após o outro. Confortávamos enquanto acompanhávamos a perder de vista o embrulho de carros, motorista volante punhos buzina, não nos perguntávamos sobre o motorista o que nos perguntávamos: como escapar do trânsito depois? A essa altura todos consolamos. Vai passar

nesta vida. Nem sempre com cem por cento de atenção. Entretanto não desconsideremos quando desejamos ajudar e recorremos à frase. Mas: por que somente frente a posições desagradáveis? Por que em momentos de recompensas gestações tentamos a todo custo chutar a impermanência para debaixo do tapete descartá-la do baralho não nos expormos não ficarmos à mercê esquecermos isto passa rechaçando o estraga-prazeres que nos adverte? Por que, quando experientes o bastante para esquecer, nos agarramos com unhas e dentes a fim de segurar aquilo que inevitavelmente não nos pertence?

Muitos não toleramos o tema morte. Descobrimos desvios. Entorpecentes dos mais variados gêneros que ocultem a visão de que qualquer fenômeno se condiciona às Três Características. É de se compreender por que, entre os dez preceitos, atividades como ler e ouvir música, por exemplo, também se consideram entorpecentes. Determinados livros ou letras de música corroboram o respaldo em um *eu* potente ou fracassado – o que não é mentira se nos ativermos a determinadas geografias no universo dos *eus*. Porém entorpecer a mente não cessa o ciclo. Somente entendendo Anicca, Anatta e Dukkha reconhecemos a avidez como causa do sofrimento.

A avidez nasce da ignorância.

A extinção da ignorância exige treinamento.

Existe a cessação de Dukkha.

Existe um caminho para a cessação de Dukkha.

Ah e qual seria o caminho, senhores? A hipotenusa? A vida santa? Estendei o caminho aos homens de ação, que estes provável se animem e o sigam como ovelhas. Quanto a mim. Dou de ombros para vossos caminhos. A todos os muros que se me apresentem. A consciência de todas as impossibilidades não me obriga a aceitar nenhuma delas. Por um segundo pensai: há quantos anos o homem não repete os mesmos erros e que lógica subsiste em tamanha burrice? Que lógica admite que o homem subjugu todos os interesses em nome de um capricho. Assim é o homem: perverso quanto à própria integridade.

O homem do subterrâneo não nega que sofre. Ao contrário, alega que transformou esse sofrimento em fonte de grande prazer. Não teve escolha devido ao fato de ser um homem excessivamente consciente, de uma consciência que imobiliza e mina a ação. Tamanha inteligência e capacidade de pensamento associaram-se a terrível amor-próprio que o levou à condição de um rato, remoendo por anos e anos o ressentimento quanto ao passado.

Ora. O homem do subterrâneo está preso pela construção de um eu, e nenhum homem acorrentado a um *eu* de fato goza de lucidez. É ameaçando esse *eu* que brotam todas as ameaças. Os melindres ganham proporções de anos, na medida em que se apega à raiva ao ódio e não os solta, substituindo a presença pelo pensamento – pensar, ao contrário do que ele acredita, não encaminha necessariamente para o autoconhecimento.

No colégio Diana ganhou de presente *Notas do subterrâneo*. Sabem o que acontece quando uma Diana lê um romance assim? Sabem o que aconteceu? Intensificou a cisão entre *eu* e mundo, *eu* e outros. Um *mais forte* e um *mais fraco*. Fortaleceu um *eu* que, independente do quanto se sentisse isolado e só, consolava-se por ser o mais inteligente o mais consciente, um *eu* incompreendido.

O homem do subterrâneo defende a liberdade através da saciedade dos desejos. Os personagens de Sade nos oferecem noção de até onde esses desejos podem chegar; e entregam provas de que atender aos *nostros* desejos envolve tantas vezes usurpar a vida *dos outros*. Apesar de impessoais – *Kama Tanha*, *Bhava Tanha* e *Vibhava Tanha* incidem como um elo da Origem Dependente (Paticca-samuppada) e, da mesma forma que Dukkha, não contemplam uma classe social ou um caráter específico –, os desejos brotam de uma falsa concepção de separatismo. Somente porque me engano com o princípio de não integrar o todo, desejo que um pedaço do todo seja meu.

Descrever o desejo em três aspectos não convida à identificação com algum deles. Não convida à dedução: ah, sou bem *Kama Tanha*.

Essa compreensão equivale a tomar o eneagrama e, de acordo com *suas* características, concluir *é, sou o tipo cinco* ou nos perdermos em elucubrações a respeito de qual orixá nos rege além daquele ditado pelo dia do nascimento. Não se trata de se

apegar a um tipo de desejo como mais uma etiqueta além das quais voluntariamente colamos na testa, e sim de reconhecer o desejo e suas manifestações. Comum

quando se escreve um texto e se chega a intencionalmente publicá-lo existir por trás um *Bhava Tanha*. Comum quando se nega a publicar um texto

(havendo, claro, o ato de escrever contínuo e uma forma de publicação acessível) um *Vibhava Tanha*. É preciso ser homem. Incendiamos a casa é

preciso ser assassino. Você não desejava comer aquilo e simplesmente reagiu.

Quando crianças aprendemos a distinguir. Não colocamos qualquer coisa na boca.

Farinha de morango é areia e não se come. Mas e agora doutor e agora que nos

tornamos assassinos. Acalme-se. Voltemos à cena do crime. Desta vez,

com base em nosso nome em nossa forma simplesmente negaremos o que nos oferecem. Levantaremos deixaremos o aposento. Atenciosamente. Abs,

Em seguida escovaremos os dentes. Céu com nuvens.

Insatisfeitos com traços, identificaremos formas nas nuvens que nem sequer são nuvens se nomearam por insatisfação. Teto de madeira. Nós mãos dadas barrigas

para cima olho teto de madeira. E madeira e teto assim chamamos porque queríamos entender a mesma coisa mas insatisfeitos somaremos um cachorro ali fica o focinho.

De fora um dia no espaço curados de assassinos ou bem-educados entendemos.

O todo e era. Aterrissamos entendemos. Pedaco e era. Pedaco não se via como todo.

Todo não se via em pedaco. Quando Diana ganhou *Notas do*

Subterrâneo, declamava: Acostuma-se à lama que te espera!/O Homem, que

nesta terra miserável,/Mora, entre feras, sente inevitável/ Necessidade de também ser fera⁹.

Diana declamava a ideia de um *eu* sensível, um *eu* que somente através da arte conseguiria sobreviver no mundo, à ideia de um *eu* que precisa sobreviver no mundo, e à ideia de um mundo como o. A dor de quem não suporta

o mundo é a dor do apego a um eu que não suporta o mundo.

⁹ "Versos íntimos"; Augusto dos Anjos.

Qualquer *eu* fortalece Dukkha. Ainda que se aceite essa compreensão, a visita à paisagem mental do *eu* ocorre com muita facilidade se não houver plena atenção e incita defesas apaixonadas desse eu. Inebriamento.

Oh e qual seria o caminho para esse não-eu, senhores? O caminho óctuplo? Estendei o caminho aos homens de ação, que estes provável se animem e o sigam como ovelhas. Ou não, parece-me que nem sequer os homens de ação se interessaram pelo vosso nobre caminho. Assim é o homem.

Olhai em redor: o sangue corre em rios, até mesmo alegremente, como se fosse *champagne*. Vede o nosso século XIX, em que viveu também Bucke. Vede Napoleão – o Grande e o atual. Vede a América do Norte – a união eterna. Vede, enfim, esse caricato Schleswig-Holstein... Que é que a civilização suaviza em nós? A civilização só faz produzir no homem a diversidade de sensações, e decididamente nada mais. E, graças ao desenvolvimento dessa diversidade, acontece que o homem pode acabar encontrando prazer no sangue. De fato, isso lhe tem acontecido. Já observastes que os sanguinários mais refinados quase sempre foram cavalheiros civilizadíssimos, dos quais os Átilas e os Stenka Razin não chegam nem à sola dos sapatos, e, se não são tão notórios quanto os Átilas e os Stenka Razin, é precisamente porque se encontram a toda hora, porque já nos habituamos demais a eles. Seja como for, se a civilização não tornou o homem mais sanguinário, decerto o fez mais perversamente, mais covardemente sanguinário que antes. Antes, ele via no derramamento de sangue um ato de justiça e era de consciência tranquila que exterminava quem lhe aprazia; hoje, embora considerando o derramamento de sangue uma coisa abominável, entregamo-nos a essa abominação ainda mais frequentemente que antes. Que é pior? Decidi por vós mesmos¹⁰.

Voltemos àquele estágio em que não temos nada nas mãos. Mas já temos mãos. Algo nos antecede. Estamos onde para não termos nada se desde o início já?

Voltemos àquele estágio em que temos pouco.

Andar. Empurram.

Não formulamos essa frase. Empenhados em andar caímos.

Duas opções.

Seguirmos. Ou chorar.

O sol sobe desce.

Nada de anos nisso.

Nada envelheceu a cada aniversário.

No que você está pensando.

Pensaríamos.

É preciso ser homem.

Começaremos de um nome. E de

um olho que olha. E de um nariz que cheira.

Da medida das coisas.

¹⁰ Dostoievski, Fiodor; p. 33

Do contato com outro corpo. É preciso ser homem. Nós estamos não sei nos envolvemos. Parimos. Assassinaamos. No que você está pensando. Me disseram: não destacariamos nada em você destacar algo seria afirmarmos precisamos deste algo precisamos conviver com tais características depois me abandonaram porque algumas características me tornavam insuportável. Plantei implantei. Características desejáveis.

Isso você deve trabalhar. Você tem que trabalhar consigo mesmo. Uma vez me disseram. Você não precisa de ninguém para se confundir você mesmo se confunde. Tentei teorias. Escolhi um fruto berrei esta é a árvore da vida escolhi um endereço berrei este é o cep do amor. Tentei gostar desgostar. E sucedia ao não gostar quicar na mesa salivando porque aprendera a gostar e então devoraria. Mas então. O que você faz da vida. Sei que uma pergunta idiota mas o que faz da vida. Senhores, mesmo que a ciência inventasse remédio de forma a extinguir todas as dores, haveria um que reivindicaria o gozo pelas aventuras de viver livre de vacinas. O gozo de atuar conforme os próprios desejos. Talvez não. De fato se a ciência algum dia anunciar a tabela que ateste causas espécies e consequências dos desejos, o homem se recuse a desejar, visto que nenhuma liberdade haveria em um querer sitiado. Por ora, no entanto, deixai meus caprichos. Se acaso um dia esse gráfico for inventado, talvez fugir ou ignorá-lo de modo a proteger o caos que afasta a imposição de *dois e dois* são quatro.

O Abhidhamma, fundamentalmente, analisa mente, matéria e inter-relação entre estes através de sistemas muito detalhados. Contudo nem se precisa ir tão longe, visto que nas doutrinas mais elementares o budismo se defronta com a produção do apego/desejo pela mente. E apresenta o “tal” nobre caminho óctuplo como trajeto para extinguir o sofrimento e se desprender do ciclo de renascimento e morte denominado Samsara. O nobre caminho óctuplo é também denominado *o caminho do meio*.

Da vida de Sidarta, sabemos que ele experimentou dois extremos: a entrega a todos os prazeres e a automortificação. Através da vivência desses polos, conseguiu alcançar o caminho moderado. Quais são as oito partes? Visão reta, Intenção reta, Linguagem reta, Ação reta, Modo de vida reto, Esforço reto, Atenção plena reta, Concentração reta.

Talvez as subtrações incidam de tal maneira no que consideramos essencial que simplesmente preferamos deixar como está. Talvez como o homem do subterrâneo o ideal de liberdade permaneça ignorar ou fugir para que

a mente continue produzindo preciso de/quero que/não tolero. Amenizar momentos de desprazer (que, conseqüentemente, contribui para a intolerância – remédios de laboratório surtem efeito durante um tempo, depois mudamos pois o organismo já assimilou seus efeitos; o mesmo ocorre com o álcool – “antes eu ficava bêbado com dois chopinhos”; o mesmo ocorre com relacionamentos; o mesmo ocorre com): reclamando e poluindo a mente coletiva sob pretexto de desabafo opinião etc.

E assim contribuir para o ciclo de um *eu perdedor* que não difere do *eu vencedor*. Essa tal liberdade não se situa à parte dos deslizamentos tiroteios suicídios.

É preciso ser homem. Estruturar no tempo. Estruturar em mapas. Estruturar de acordo. Estruturar em resumo. Estruturar quem ouça.

De fora um dia ausentes de assassinos ou bem-educados ausentes de. O todo e era. Pedaco e era. De fora um dia de pedaco não se via como todo. Todo não via em pedaco. Pedaco engolindo o todo. De fora um dia no resto.

)

(

) (

Não é preciso ser homem. Segredam os homens-ratos os homens-que-dormem segredam os homens-raios segredam os que se tornam.

Isto ainda não se parece à exposição do processo criativo de um romance?

Retomando um tema.

Pergunta – cruz de nascença em dois mil e três – genérica da manjada ovo-galinha. Interrogação que passou a emergir em diferentes intervalos: *as coisas da vida*. À primeira vista, assunto que suscita associações com apelos (exclusivamente) comerciais ou novelescos. Na verdade, insistente tentativa de localização; temer não haver compreendido o que deveria estar fazendo.

Perguntar quais eram as coisas da vida diferia de perguntar o que é a vida, na medida em que – apesar da perplexidade quanto ao rodado de tarefas com as quais os homens atolavam o cotidiano – captava, por trás de todas, algo intenso e inalienável. A comoção com o justo por trás dessas coisas obscurecia o entendimento de qualquer ação. De consumirmos, e argumentarmos, e delimitarmos o “nosso” e “o dos outros”, e definirmos o “primordial” – àquilo ao qual acrescentamos o artigo definido, que transforma *uma* coisa em *a* coisa; em motivo de existência. O que faz com que um homem brade “este é o meu lugar”; e acredite que a vida mora na posse que escolheu. Ao entrar no mestrado, há tempos não escondia a necessidade de ouvir dos demais o que seriam as coisas da vida. A fim de, talvez, abrir diferenças sobre as quais conseguisse caminhar.

Você pode por favor me listar As coisas da vida? Que coisas? As coisas da vida. Qualquer coisa? Não, As. De que tamanho? Ah, não sei, dez itens. Só palavras? Você escolhe, desde que seja uma lista.

A questão antecedia o formato listas; a questão em si nunca fora sobre listas. Estas iriam compor seção que se tornou grande demais como vértebra de projeto.

Se isto talvez ainda não se pareça à exposição do processo criativo de um romance, deduzir o elo entre o *A vida é assim* e o tema *As coisas da vida* seja factível.

(Clov começa a recolher objetos que estão no chão do palco.) Hamm: Que está fazendo? Clov: Pondo isso aqui em ordem. (Endireita-se. Com ímpeto.) Vou jogar tudo fora! (Recomeça a recolher.) Hamm: Em ordem! Clov: (endireitando-se) Eu amo a ordem. É o meu sonho. Um mundo onde tudo estivesse silencioso e imóvel, e cada coisa em seu lugar final, sob a poeira final. (Recomeça a recolher) Hamm: (exasperado) Que você está inventando aí? Clov: (endireitando-se, com suavidade) Tentando criar um pouco de ordem. Hamm: Largue isso. (Clov larga no chão os objetos que acabou de recolher.) Clov: No fim das contas, seria aqui ou em qualquer outra parte¹¹.

Na primeira página de *Q*

Homem dos Patos, algo mais ou menos assim:

Quando o outro lhe perguntou Por quê? não soube responder. Por que aqui, então? Ao redor o aqui. Bem, aqui porquê. Pensou, por um instante, em responder Ora, meu amigo, não caímos nessa de porquês. Desistiu, tão logo percebeu, ao amigo não interessaria o relativismo filosófico. Ao amigo interessava, se a pergunta não fora por educação, por que estava aqui, logo aqui. Então respondeu Aqui porque não em outro lugar. Aqui porque não em outro lugar. O outro se manteve à espera. Afinal, era óbvio que, não estivesse aqui, estaria noutro lugar. E noutros passados e futuros, extensões deste presente. Mas por que estes passados e futuros; por que aqui e não em outro lugar?

A página seguinte do livro se divide em duas colunas: Aqui/Em outro lugar. Neste plano – o romance se entremeia de três –, o problema concernia à produção da indiferença entre o conteúdo de Aqui e Em outro lugar. Que conteúdo? As coisas da vida. Ou, retomando o já-dito nesta monografia: Kama-Loka. Ou, retomando o já-dito nesta monografia: *a vida é assim*. Como produzir a equivalência da realidade mundana, esse *seria aqui ou em qualquer outra parte*, esse aqui porque não em outro lugar?

Conheci um homem que me confidenciou não é preciso ser homem; o homem confidenciaria se conversássemos se nos cumprimentássemos, então não seria o homem que conheci sobre este não sei contar. Você contará que foi esse homem o homem sobre quem nos vai contar? Não se está presente quando metade vivo metade morto; sobre o homem que conheci ou que fui não sei contar.

Existe um grande risco no desligamento do

a vida é assim.

¹¹ Beckett, Samuel. *Fim de partida*. p. 113

Você nem mesmo devaneia, já que só podem fazer aqueles que roubam o tempo para isto, os preciosos minutos que roubam dos seus horários. De início, você colhia os itinerários, propunha-se objetivos, imaginava périplos complicados que seguiam contra sua vontade, caminhos das viagens de Ulisses. Você fez, depois tantas outras, uma peregrinação a Saint Julien le Pauvre, circulou nas proximidades da entrada das catacumbas, plantou-se debaixo da Torre Eiffel, subiu até o alto de alguns monumentos, atravessou todas as pontes, percorreu todas as margens, visitou todos os museus, Guimet, Cernuschi, Carnavalet, Bourdelle, Delacroix, Nissim de Camondo, o Palácio de la Découverte, o Aquarium du Trocadéro, viu as rosas de Bagatelle, Montmartre à noite, os Halles ao amanhecer, a estação de Saint-Lazare no final de expediente, a Concorde ao meio-dia de 15 de agosto. Mas por tratar-se de um objetivo turístico, cultural, ou então enganador, estúpido ou mesmo provocante (a Rua de la Pompe, a Rua des Saussaies, a Praça Beauvau, o Cais des Orfèvres), este não deixava de ser um objetivo, isto é, uma tensão, uma vontade, uma emoção. Seu turismo, mesmo desiludido e ridículo, não obstante a lembrança longínqua dos surrealistas, permanecia sendo motivo de atenção, emprego de tempo, medida de espaço.

to no diálogo e no combate com os filósofos logrados. - si um filósofo possível e que seria exuberante descobri- se totalidade deles sequer presente que carrega em - idade, de tal modo que a maioria dos homens, a qua- tudo conspira sistematicamente contra uma tal possibi- necessários para manter-se fiel ao próprio informado; . Mas hoje ninguém dispõe do tempo e do espaço

reverte em Pleno. "Não pensar em nada" é abrir espaço Universo.

o longo da substituição de versões. Beckett cria, sessão de mão que, além de indevidamente direto, é excc... sivo, em busca de um texto mais enxuto, ordenado por padrões serenos, quase geométricos!

para a esterilidade da passagem do tempo e para a impossibilidade visível de ainda tentar significar em um mundo esvaziado do sentido, através de palavras desgastadas e insignificantes.

Mas voltando à ilusão: saber racionalmente que uma ilusão é ilusão é coisa que os homens inteligentes e observadores geralmente sabem sabendo. Mas com frequência caem no lado oposto, isto é, abraçam o nilismo ou o pragmatismo moral. A certeza de que a ilusão é ilusão só é libertadora quando conseguimos jogar fora até mesmo a ilusão de não termos ilusão. E isso só acontece quando nossa mente deixa de ser um vaso, um recipiente que serve para conter idéias, conceitos, emoções, pensamentos, etc. Quando nossa mente se torna o que ela sempre foi e é: a mente é tudo o que existe dentro e fora dela mesma, sem nenhum dualismo. A mente são as idéias, os pensamentos, as emoções, os prazeres, as dores, etc. Como também, e isto é importantíssimo, é tudo que existe no chamado mundo exterior.

Se o motor dentro e o motor exterior não se encontram no objeto, não há como fazer observação em relação ao objeto sem comentar, sem adotar que- quer atitude em relação ao objeto.

estava frio. Ele não incomodava profundamente, mesmo ausente. Aliás, ele continua a me incomodar, mas não mais que o resto. De resto, não me causa mais nada, agora, ser incomodado, ou tão pouco, a que é que isso quer dizer, ser incomodado, tenho mesmo de ser, mudei meu sistema, dobro as apostas, esta é a nona ou a décima, depois logo estarão terminados, os incômodos, as acomodações, logo não se falará mais disso, nem de nada nem dos outros, nem de merda nem de céu.

Você pode ainda surpre- tender-se com o porquê da combinação, segundo regras afinal de contas muito simples, de trinta sinais tipográficos capazes de criar, cada dia, mensagens aos milhãres.

Ver, realmente, o particular concreto, é uma experiência sempre inaugural, um conhecimento e não um reconhecimento.

Em nossos dias, nossa mente é dominada por - para usarmos novamente a terminologia chinesa - demandando racional, magnânimo e agressiva. Os próprios chineses são um exemplo típico. Embora suas teorias se encarnem para uma visão de mundo semelhante à dos místicos, é impressionante notar-se o quão pouco isso afetou as atitudes da

O infortúnio não desabou sobre você, não apanhou de surpresa; infiltrou-se lentamente, inseriu-se quase suavemente. Minuciosamente impregnou sua vida, seus gestos, suas horas, seu quarto, como uma verdade há muito disfarçada, uma evidência negada; tenaz e paciente, sutil, ardoroso, ele tomou posse das tendas do

O risco: de tão impregnados pelo decreto *a vida é assim* ignorarmos que viver não se constitui desse enunciado. E nos incapacitamos para viver. Não *viver a vida*. Não *viver assim*. Viver. Quando radicalmente inábeis para viver o *a vida é assim* – porque só radicalmente inábeis nos aproximamos de um grande risco – a ameaça de enfiar tudo no mesmo saco e, assassinando uma *ideia* de vida, de uma vida pré-concebida, estrangulamos o ato de viver.

Novamente o ego desempenha papel fundamental. Que o *a vida é assim* depende do apego. Forma, emoções, percepções, ideias. Já atravessamos esse quebra-molas ao detectarmos os sintomas de Dukkha e os atributos dos Khandhas.

Pensamos tratar-se de um *eu*. Então, *o mundo*. Então *eu*. Em suma, *o mundo É eu*. Esse separatismo contribui para que perpetuemos o engano de uma espécie à parte do universo. De um *eu* à parte do universo. Como se existissem duas entidades desconexas: *o homem E o universo*. Viver, para além de *viver a vida*, ultrapassa cabeceiras, profissões, hábitos, línguas; não se trata de não estar satisfeito com *esta* vida e querer experimentar *outra*. E sim depurar *viver* do objeto (in)direto.

Você contará que foi esse homem? Sobre o homem que conheci homem que fui não sei contar. Nós contaremos. Mas como poderiam se não viram não estavam? Conhecemos muitos iguais a você olhe ao redor todos incapazes de descrever o coma; tal como você um você acorda agora manhã de segunda uma agenda comprime compromissos.

Revisar a espinha do roteiro lombadas no orçamento compatibilidade de trilha sonora encontro com o diretor de produção de cena de fotografia ensaios filmagem. Segunda-feira o despertador toca. Você costuma colocar dois despertadores. Um dentro de uma bolsa outro numa gaveta trancada. O tempo de abrir o zíper somado ao tempo de encontrar a chave e abrir a gaveta bastam para que desperte que consiga.

O despertador toca você está com o controle remoto na mão assistia novamente a cenas isoladas revê diariamente o que se filmou e anota os descarrilamentos da cena como melhorar etc. O orçamento cobre o perfeccionismo. Mas na última noite nenhum comentário nenhuma nota. Acorda controle na mão monitor ligado. Levantar. Abrir o zíper da bolsa encontrar a chave destrancar a gaveta. Em vez de enxaguar o rosto retornar à cama. Em vez de

retornar à cama. A hora passa. Não revisa passa não pesquisa passa não encontra passa não comparece passa não em vez de

passa passa.

Você aguarda, você espera. Os fatos se apressam e também as garçometas e também os garçons e cafés, as lanterninhas, as caixas dos cinemas, os venditores de jornais, os trocadores de ônibus, os inválidos que vigiam as salas abandonadas dos museus. Vo-
 pu-ru falar seu receio, eles lhe responderão todas as v-
 ra, com a mesma voz. Seus rostos agora lhe são fami-
 ros. Eles identificam-no, reconhecem-no. Não sabe
 que essas simples audácias, essas únicas sorrisos, ces-
 avanos de cabeçal indiferentes são tudo o que cada dia
 adu-va, você que, o dia inteiro, esperou-os como se fosse
 a revu-pensa de um fato glorioso de que você não p-
 de-ria falar, mas que eles quase chegariam a adivinha-
 r.

A teoria ginecristica mostrou que as particularidades são fatos isolados de matéria, mas padões de possibilidade, interconexões normais, a conexão inseparável. A teoria da realidade é como que deu vida a esses padrões na medida em que revelou seu caráter intrinsecamente ginecristico. Demonstrou-se que a atividade da matéria é a es-
 tância mesma de sua existência. As particularidades do mundo subatômico não são ape-
 as ativas no sentido de seu movimento ser extremamente rápido, mas que isso, elas mesmas são processos. A existência da matéria e a sua atividade não podem ser separadas: elas constituem aspectos diferentes da mesma realidade espaço-temporal.

verdadeiro início. Não é o momento em que colocamos a criança numa relação de continuidade conosco e com nosso mundo (para que se converta em um de nós e se introduza em nosso mundo), mas o instante da absoluta descontinuidade; da possibilidade enigmática de que algo que não sabemos e que não nos pertence inaugure um novo início. Por isso, o nascimento não é um momento que se possa situar numa cronologia, mas aquilo que interrompe toda cronologia.

Minuto após minuto, hora após hora, dia após dia, estação após estação, algo vai começar e nunca terá fim: sua vida vegetativa, sua vida nula.

O rato, no seu labirinto, é capaz de verdadeiras proezas: ligando cuidadosamente os pedais que ele deve pressionar para obter seu alimento ao teclado de um piano ou à estante de um órgão, pode-se conseguir que ele execute convenientemente "Jesus que minha alegria perdure" e nada impede de pensar que ele sinta um prazer extremo.

Mas você, pobre Dédalo, não havia labirinto. Falso prisioneiro, sua porta estava aberta. Nenhum guarda ali estava de sentinela, nenhum comandante de guarda no final do corredor, nenhum Grande Investigador à pequena porta do jardim.

Quando a esse Buda que a literatura ocidental se deleitou em pintar com o aspecto de um indolente sonhador, de um milista elegante, desdenhando a vacuidade do esforço, esta rápida nota biográfica que consagramos ao grande filósofo hindu deve fazer justiça.

ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se esta se tornando a linha de

LXXXI
 Conhecer o não conhecimento é o bem supremo. Não conhecer o que é o conhecimento é um tipo de sofrimento. Só quando se sofre desse mal, fica-se livre dele. Se o Sábio não sofre, é porque ele sofre desse mal; por isso ele não sofre.

Não acreditar que dizendo-se sim sobre o próprio ser mediante um ato de pensamento, secundário de si mesmo e, nesse sentido, ele se en-
 contra na mesma situação daquele que apalpa a calça meira, o que equivale, sem dúvida alguma e sem o menor exagero, a um erro e a um embuste.

Quando um homem Quando um homem apenas um pedaço construído e apenas um pedaço construído e nesse sentido, ele se encontra na mesma situação daquele que apalpa a calça meira, o que equivale, sem dúvida alguma e sem o menor exagero, a um erro e a um embuste.

Quando você ouve alguém, deve deixar de lado suas idéias preconcebidas e opiniões subjetivas; deve apenas ouvir apenas observar a maneira de ser do seu interlocutor. Nos damos pouca importância ao certo ou errado, bom ou mau. Apenas notamos como são as coisas para ele e as sentimos. Esse é o modo de comunicar nos um com o outro. Em geral, quando você escuta alguma afirmação, ouve-a como uma espécie de eco de você mesmo. Na verdade, está ouvindo sua própria opinião. Se ele está de acordo com sua opinião, você a aceita; se não, a rejeita; ou pode até mesmo ignorá-la. Esse é um perigo ao se ouvir alguém. Outro perigo é ser apalchado pela afirmação. Se você não

Notamos que a infância não é apenas uma questão cronológica: a infância é uma condição da experiência. É preciso ampliar os horizontes da

O MEU OLHAR é nítido como um girassol. Tenho o costume de andar pelas estradas. Olhando para a direita e para a esquerda. E de vez em quando olhando para trás. E o que vejo a cada momento É aquilo que nunca antes eu tinha visto. E eu sei dar por isso muito bem. Sei ter o pasmado essencial. Que tem uma criança se, ao nascer. Reparasse que nascera deveras... Sinto-me nascido a cada momento Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer. Porque o vejo. Mas não penso nele. Porque pensar é não compreender. O Mundo não se fez para pensarmos nele (Pensar é estar doente dos olhos) Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos... Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é. Mas porque a amo, e amo-a por isso, Porque quem ama nunca sabe o que ama. Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência, E a única inocência não pensar...

Os fenômenos mentais têm como precursora a mente; fundam-se na mente, são feitas da mente; Se um homem fala ou age com mente corrupta, Em consequência sofrimento o segue, como a roda nos passos do boi (que puxa a carroça).

Descobre, às vezes, quase com uma espécie de embriaguez, que você é livre, que nada lhe pesa, nada lhe agrada nem desagradada.

No lugar da nossa forma contemporânea de dúvida milita, a dúvida que e parte integrante do caminho para a iluminação. A verdade dos ensinamentos místicos trazidos até nos não é algo que nosso mundo amargado possa dispensar. Ao invés de dividir, nos separa por que não duramos de nos mesmos: da nossa ignorância, nossa pretensão de já entender tudo, nossa avidez e nossa injustiça, nossa piedade pelas assim chamadas explicações da realidade que nada têm de respiradora tranquilizadora e da abrangência universal da sabedoria que os mestres, mensageiros

O telefone desde a hora do almoço. E-mails da equipe na caixa de entrada. Sms no celular. Retirar o fone do gancho desligar o celular. A equipe pensará o diretor foi sequestrado. Diretor assassinado. Redigir avisando não dirigirá mais o filme. Não mais nenhum. E que não sequestrado. Que não assassinado. Avisando da transferência do patrocínio para a conta do produtor. Toda a liberdade eles quaisquer decisões. Carta de anuência. E se despedir com

Abs,

Tudo é peso,

murmúrio, torpor. Você se deixa escorregar. Mergulha no sono¹².

Torpor.

A palavra se repete inúmeras vezes em *Um homem que dorme*. Torpor e indiferença: leitmotiv do protagonista. Torpor e indiferença maciços a ponto de esmagar o homem; lodaçal que, cegos, enxergaríamos como lagos de renúncia; da renúncia que estanca o apego, renúncia capital para o Nibbana. Thina-Middha, um dos Cinco obstáculos ao processo espiritual (Nivarana), traduz-se como torpor e preguiça. Entretanto pela leveza que ganhou a anunciação da preguiça, o vocábulo não basta para calcular a prostração e ausência de estímulos desse homem. Hoje provavelmente no diagnóstico de um psiquiatra a etiqueta depressivo e a receita um embrulho de remédios para recuperar a energia. A ciência às vezes acerta o alvo e se trata realmente de energia.

Thina-Middha se compara ao confinamento em uma cela ocultando o sol no exterior. O negro tenebroso não é o quarto do homem que dorme – pois ele inclusive vagueia pelas ruas e ainda assim não consegue enxergar –, e sim a tumba da mente. O antídoto para a úlcera torpor: gerar energia.

Shunryu Suzuki¹³ ao discorrer sobre o Zazen alerta apenas à necessidade de manter a mente de principiante: mente não viciada pelo dualismo, desoprimida por conceitos e certezas, atenta e receptiva, o que dificilmente ocorre à mente de um especialista, de um intelectual, de um perito.

Uma mente de recém-nascido?

¹² Perek, Georges; pp. 22-23

¹³ *Mente zen, mente de principiante*; pp. 19-20

Sim. Uma mente infante e criadora, considerando o “Criar com a infância”¹⁴ espaço do não pré-concebido, não rastreado, não apegado a entulhos. O antídoto para a úlcera torpor corresponderia à energia inexaurível que circula em geografias amorfas; no potencial de um salto sem bagagem –eu tenho muita bagagem de vida – desacorrentado ao piso.

Logo no início do romance, o homem frisa nada mudou, somente as máscaras que o integravam à vida caíram. E atribui ao torpor o mérito de descolá-las. A vida a que se refere: *a vida é assim*. Existe um grande risco no desligamento do *a vida é assim*.

Porque o relacionamento anterior era baseado numa convenção de símbolos, de rótulos a que já estávamos condicionados. E, ao caírem esses símbolos (que tomávamos como realidades) temos a sensação de que é a própria realidade que está desaparecendo. É uma fase perigosa, porque pode nos levar ao niilismo¹⁵.

A negação do homem que dorme se volta contra Kama-Loka; ele empreende um esforço por suspender o Samsara. Entretanto, gasta toda a bateria no empenho de se tornar indiferente à (ou na negação da) antiga realidade sem reservar energia para um viver não cristalizado. A mente se divide entre ação e observação. A meditação acalma o fazer e estabelece a base da observação e do conhecimento. Thina-Middha surge quando se acalmam tanto o fazer quanto o conhecer. E de fato um homem que dorme não está desperto para conhecer um refúgio ao ciclo. Para gerar energia, Buda traçou algumas atitudes, dentre elas, o amparo de “amigos admiráveis”. O homem que dorme, na recusa ao afluxo de vozes solicitando interação, se isola de tudo e de todos a fim de interromper essa fomalha, essa grelha que é a vida, esses bilhões de intimações, de estímulos, de defesas, de exaltações, de desesperos, esse banho de coações sem fim, essa eterna máquina de produzir, de triturar, de engolir, de triunfar das armadilhas, de recomeçar ainda e sem cessar, esse doce terror que pretende reger cada dia, cada hora de sua exígua existência¹⁶!

Mas o homem, a espécie humana, a troca prescindem “desse insuportável tumulto”; os amigos admiráveis tangem a atributos fora da esfera da personalidade.

Nadando nadando nadando.

¹⁴ Criar com a infância faz referência direta ao título do texto de Rosana Bines apresentado no “Seminário Estudos de Literatura: Criar sem limite?” (Puc, 20 e 21 de junho), mas também ao aspecto da infância como lugar não territorializado, explorado por autores como Deleuze entre outros (alguns citados nesta monografia).

¹⁵ Coelho, Nelson; p. 19

¹⁶ Perce, Georges; p. 33

(nirvāna, P; nirvāna, S). Literalmente a palavra tanto pode significar: "ser e não ser", "cessar por sopra", quanto "resistir por sopra". O nirvana é a mais elevada e última meta de todas as aspirações budistas, a extinção do "fogo" ou do restrição da "febre" da avidéa, ódio e delusão (os três principais males do samsara budista); e com estes também a libertação última e absoluta de todo sofrimento futuro, velhice e morte, de todo sofrimento e miséria. Para entrar no mecanismo de funcionamento do nirvana, devemos lembrar que o "fogo" que se apaga, pode ser apagado de duas maneiras: ou por um agente externo (por exemplo), ou internamente pela falta de ar (oxigênio). Pelos mais altos ensinamentos budistas, é este segundo modo que prevalece. A pessoa atinge o nirvana através da prática budista (desenvolvimento mental e moral) que se vai desentrelaçando, extinguindo pouco a pouco todos os aviltamentos e todos os aspectos da existência. Uma vez alcançado o nirvana, continua-se a viver o que resta da física. Quando os componentes desta vida mortal também atingirem o momento da dissolução, isto é, quando a morte do corpo ocorrer, nirvāna é completa e isto é conhecido como parinirvāna. Os escritos sobre nirvana são inúmeros e constituem no tema talvez mais desafiador de todo o ensinamento budista. Buda disse mais de uma vez que o nirvana escapa a qualquer descrição verbal. Muitas tentativas de descrição serão encontradas no presente texto (com o índice Pali). O nirvana foi às vezes tomado erroneamente por alguns estudiosos do Budismo como equivalente à "extinção" ou "aniquilação", isto decorre do mal-entendido com relação à palavra "extinção", entendendo-se por extinção a vida que estaria sendo aniquilada quando se trata, na verdade, de um estado de "aniquilação" que é explicitamente rejeitado pelo Buda.

E desde o início, desde que cheguei ao mundo, adentrando no lugar-maternidade, todos já estavam a postos e todos, como numa partida imóvel de futebol, vestiam suas camisas numeradas e atuavam nas áreas demarcadas com uma tal precisão que eu senti tratar-se de uma partida eternamente presente e de uma partida que jamais tinha começado,

Jogar fora todas as ideias que temos de nós mesmos. Mas principalmente as convicções de estarmos certos ou estarmos errados.

Pensar incomoda como andar à chuva Quando o vento cresce parece que chove mais.

O Car na representação, na realidade, múltipla em suas manifestações, da vida universal, ou melhor ainda, para sermos mais fiéis às teorias que descaramos dizer que o Carma, o encadeamento indefinido de ações e reações, se não realizaram o Nirvana, ela própria, sob o único aspecto acessível àqueles

Assim, o modelo ideal proposto pelo budismo não é o anacoreta, o eremita ou o religioso encerrado numa clausura e alheio ao mundo, mas o livre missionário que vai às portas abertas e só através da vida, divulgar para as multidões a palavra de salvação. É na verdade, numa época em que um número enorme de apóstolos que realizaram, numa época em que as vias de comunicação encontravam-se no mais rudimentar estado e os meios de transporte eram quase inexistentes, viagens que superaram em audácia as dos nossos mais famosos exploradores. Esse entusiasmo pela divulgação e este desejo em procurar a luz, sobreviveram muito tempo depois que a ideia filosófica original tivesse se perdido na superstiçã. Tais páginas de arrebatamento se conservaram nas inscrições dos chineses Huen-Tsang e Fa-Tsang. Esse último escreveu a respeito no relato de sua viagem à Índia.

A mente é o indivíduo e a sociedade numa só e única realidade. E é a essa mente que se dá o nome de mente-vazia ou mente-total ou mente-cósmica. Nós somos essa mente! O que é bem diferente de: nós temos uma mente. Pois aí existe o dualismo, o conflito entre nós e a mente. Se, como pensamos, nós temos uma mente, quem então seria esse que tem a mente?

Não é a morte que "apaga a chama" da vida pessoal. Ela é esta tarefa pertence ao homem. Ele só está apto a "apagar sua a extingui-la no Nirvana. Esta doutrina rigorosamente ortodoxa fessada pelos mais esclarecidos budistas contemporâneos.

Muitos mestres orientais enfatizam o fato de que o pensamento deve ter lugar no tempo mas que a física pode transcendê-lo. Para Goyinda, "a visão abrangente limitada a um espaço de dimensão superior e, por isso, eterna". "O espaço-tempo da Física relativística é um espaço eterno semelhante de uma dimensão mais elevada. Todos os eventos notam-se e se interrogados, mas as interações não são causais. As histórias de partículas podem ser interpretadas em termos de causa e efeito somente quando os diagramas de espaço-tempo sejam tomados como padrões quadridimensionais sem qualquer direção definida de tempo a eles vinculada. Inexiste "antes" e o "após", e, por isso, inexistem causalidades. De modo semelhante, os físicos orientais asseguram que no transcendente o tempo, eles transcendem igualmente o mundo de causa e efeito.

vincula a análise exaustiva do sexo aos mecanismos exasperados do antigo poder de soberania e aos velhos prestígios inteiramente mantidos do sangue; este corre ao longo de todo o prazer — sangue do suplício e do poder absoluto, sangue da casta que se respeita em si mesmo e se derrama, contido, nos rituais maiores do paricídio e do incesto, sangue do povo que se verte à vontade, porque é que corre em suas veias não é digno nem de ser mencionado.

Sade

Numa península, o farol Três refúgios.

Que significa se refugiar no Buda no Dhamma e na Sangha? Que significa se refugiar?

Refúgio, espaço onde algo não alcança. Todos asseguramos fortalezas que não asseguram. Elegir talismã elixir trevo de quatro folhas copo de cerveja ou poupança como refúgio – para além do condicionamento desses a Anatta Dukkha e Anicca – ratifica novamente a cisão entre agente e ação; jogamos a “tarefa” para outro. Atribuir a outro o destino sem atentar para o fato de que a todo momento, através da lei de causa e efeito o a seguir se reinventa.

No Budismo tomar refúgio significa alicerçar o fora dessa “grelha” à qual o homem que dorme se refere. A dimensão fora do *a vida é assim*.

Retomemos nossa personagem (2003-2010):

Ao ingressar nas faculdades de Cinema e Teatro Diana migrou ao polo oposto da rejeição e experimentou o êxtase da libertinagem. Acreditava que liberdade se indissociava de desejo pelo sexo – só começou a duvidar com *A história da sexualidade*. Assim trepava com homens mulheres árvores intermediários na praia no carro no elevador na escada e que descoberta então ler Marquês de Sade. Diana acabava de montar *Fim de Partida* e partiu para um laboratório de sadismo com direito a xixi cocô corpos nus mijados se misturando não necessariamente nessa ordem. Voltando: abandonou cinema na UFF na metade, em dois mil e cinco, ano em que lançou os primeiros contos em antologias com autores hoje bumbum. Nesse ano se reconhece perante ISBN o puf trajeto de escrita. Ambos os contos, má qualidade, tratam basicamente de dois temas: a impossibilidade de entrega de xis personagem a relacionamento estável devido à não aceitação da impermanência; o desejo do homem por aplacar a solidão através da comunicação verbal de sua experiência de mundo. Em dois mil e seis figurou na revista Megazine como promessa literária e, apesar de distinguir a falcatrua passou a se inebriar com a participação no fantástico mundo dos escritores. Ao contrário de no *Fantástico mundo de Bobby*¹⁷, a participação batia de cara com o Bhava Tanha de apontar o rei está nu e se conscientizou que não conseguiria

¹⁷ Série americana de desenho animado, criada por Howie Mandel. Bobby's World (título original) foi transmitida no Brasil pela primeira vez nos anos noventa e contava as aventuras cotidianas de Bobby, menino extremamente imaginativo.

escrever nada com a motivação de apenas aparecer nos jornais, muito embora desejasse aparecer nos jornais. Sobre os casos amorosos, impossível listá-los contudo obedeciam a padrão intelectual. O crítico de cinema I, o crítico de cinema II, o psicanalista I, o psicanalista II, o filósofo I, o filósofo II. Acrescentemos um (a) para relativizar o gênero. Em suma, Diana se apegara a padrão-intelectual, e desbravou respeitável carreira nessa área. Através da sucessão de relacionamentos rebentos do *Yang* aprendeu que o manejo da razão não impedia a ignorância. Voltando: em dois mil e sete lançou o primeiro livro – bons momentos – *dois que não o amor*. Em dois mil e cinco começou a visitar os patos: sentar numa pedra do jardim do Museu da República contemplá-los. Nos cadernos dessa época – rasgou todos – existia uma anotação de ir fundo que Diana não entendia, apesar de tê-la escrito, o que significava. A essa altura Guarani já não morava em casa e Diogo sairia em breve, bem-sucedido no emprego que anos depois largaria por algo prazeroso. Antes, em uma vez que subiam as areias de Ipanema, disse à Diana: você deveria trabalhar, eliminaria grande parte dos seus problemas existenciais. Em dois mil e quatro, Ana pediu demissão (impelida a pedir?), entrando em acordo com a empresa por aposentadoria parcial. Dois anos depois a família concretizou a falência. Falência no caso: contar o dinheiro para arroz e pão. Diana começou a trabalhar em uma empresa que começou pequena e ela começou no pequeno onde a empresa começou. Uma anedota: antes de iniciar o negócio, o chefe enviara projeto de dissertação de mestrado para a PUC-SP, que não o aprovou com bolsa. Como não tinha dinheiro para pagar, seguiu para o quarto do avô e criou essa empresa na qual todos os acadêmicos compram e que o tornou milionário. Em dois mil e oito, Diana largou a empresa para se dedicar integralmente a *SÍSIFO*. Viveria com o dinheiro guardado durante esses dois anos. Voltando: em dois mil e sete conheceu os textos de Marquês de Sade e iniciou um laboratório de Sadismo que, evidente, deu merda. O resultado: monólogo chamado *encher-se, esvaziar-se, encher-se*, num cubículo de 2x2 onde cabiam no máximo três espectadores que compartilhavam do mesmo espaço cênico que a atriz. A atriz se dividia entre ações físicas, explorando surgindo e cessando (tudo construído a fim de simular uma performance mas rigorosamente dirigido no papel). *Sísifo* ocorria em um espaço maior no qual os espectadores também entravam e compartilhavam da cena com os atores. As ações se dividiam igualmente entre surgindo e cessando, contudo incluíam instrumentos utilizados pelo homem: tevê, som, maconha, balde. Além de entrecruzarem atividades

de oito atores. Voltando: Diana se amigara intensamente de FILÓSOFO II (um mestre na escrita de Deleuze) em dois mil e cinco – pois os dois eram especiais! – e três anos depois efetivaram contato físico. O sujeito escrevia brilhante a ponto de provar o improvável. O sujeito para Diana era Deus. Não, ainda não. A amizade consistia na troca de fatigantes (ou deslumbrantes) e-mails que serviam como rascunhos para os projetos de Filósofo II e que se estenderam por todo o relacionamento. Em dois mil e oito, o sujeito lhe apresentou *Um homem que dorme*, de Georges Perec. A conversão da amizade em contato criou o apego e em dois mil e nove os dois começaram a namorar. Com o Filósofo II Diana descobriu finalmente o teor das próprias ações de violência e egocentrismo; também entendeu efetivamente o significado de Kamma (Carma): a lei de ação-reação, finalmente se apaixonou por alguém mais violento e egocêntrico que ela. Perfil de Filósofo II: vinte e oito anos, filho único, mãe serve seu prato, mãe faz sua cama, mãe lava suas cuecas ele atravessa o dia trabalhando no projeto deleuziano; no sexo, a ausência de generosidade se elucidava bem. Perfil de Filósofo II: um sábio; consegue se situar *fora* do *avida é assim, sem desespero*, dissertar sobre todos os temas concatenadamente e explicar à Diana que o sentimento de falta que ela nutria (de afeto, de toques) derivava de seu condicionamento a ceder aos desejos e que o relacionamento só daria certo se constituíssem um projeto a partir da leitura de textos filosóficos interessantíssimos – poderiam começar com *Como viver juntos*¹⁸ –, sem sombra de dúvida um sujeito brilhante e que tremia a linguagem na escrita; apaixonante, apesar dos que antecederam, aquele que fundou uma categoria à parte, a de primeiro e único amor; aquele que presenteou Diana com um excelente dicionário analógico com seus nomes escritos à mão ao lado de todas as cores, de verbetes como contiguidade, cosmo, mesmíssimo, completamento, causa, infinidade, cooperação, pacífico; sintetizando: ao lado dos mais plenos conceitos. Sendo assim, nossa protagonista Diana, não conseguia dissociar a habilidade de Filósofo II para expressar a sabedoria (verdadeira sabedoria) através das palavras da experiência direta da sabedoria, e não entendia alguns descompassos entre pensamento e ação; tampouco, abobalhada que estava pelo embriagamento da paixão, conseguia enxergar qualquer valor na intuição que era *dela*, uma intuição ingênua frente ao mundo. Para agravar o caso, ambos passaram a escrever

¹⁸ O livro reúne textos de Roland Barthes apresentados nos cursos e seminários no Collège de France (entre os anos de 1976-1977), em que o autor se propõe a explorar a comunhão de *viver junto* de grupos muito restritos, de acordo com hábitos, temas e valores.

Mas é temerário falar e discorrer sobre filosofia. Há sempre um vigia e há sempre um espião decretando antecipadamente a nossa incompetência. Seria necessário um soliloquio a quatro paredes, quatro paredes bem fechadas, onde ninguém fosse ouvido; seria necessário, para falar de filosofia, locomover-se até a última rua da cidade de Guarulhos ou fugir para um país de língua estrangeira como a Polônia ou a Turquia, um país onde já nem houvesse mais instituição filosófica e, por isso, esse ainda não é o momento exato para acertar as contas com o pensamento dos filósofos.

However, we usually know only the world of concepts because ignorance and wrong view have been accumulated for so long. Ignorance of paramattha dhammas is the kind of ignorance which should be eradicated; it brings sorrow. Ignorance conditions the wrong view of self and all other defilements. So long as there is ignorance we are deluding ourselves, we do not know what our life really is: conditioned phenomena which arise and fall away.

"... como aplaudindo". O som do aplauso é feito com as duas mãos próximas que aplaudir com uma só não produz som algum. Mas, na verdade, uma mão é som. Embora você não ouça, há som. Aplaudindo com as duas mãos, você pode ouvir o som. Mas, se o som não existisse antes de você bater palma, não poderia produzi-lo. O som já existe antes que você produza. Porque existe o som é que você pode produzi-lo e ouvi-lo. O som está em toda parte. Até na sua prática há som. Não tente escutá-lo. Mesmo se não o escutar, o som está em toda parte. Porque você tenta ouvi-lo é que às vezes há som e outras não. Você entende? Mesmo que você não faça nada, você sempre tem a qualidade do zazen. Mas se você tentar encontrar, ver, essa qualidade, não a terá.

Esses são sinais de que o elemento terra já não é capaz de servir de base para a consciência, e a habilitação do elemento água é mais manifesta. Assim, o "sinal secreto" que aparece na mente é a visão de uma miragem tremeluzante.

Quando os metecos orientais dizem que vivenciam todos os elementos dentro de uma unidade, isso não significa que eles consideram iguais todas as coisas. Eles reconhecem a individualidade das coisas, ao mesmo tempo, esta unidade que todos as distinguem e contrastam. Uma vez que em nosso estado atual, as coisas são percebidas separadamente, não há unidade que as englobe. Portanto, a filosofia oriental do mundo próprio, que procura a unidade, é extremamente diferente de todos os contrastes e diferenças que existem no mundo.

O Nirvana é o repouso infinito; pensar nele, fazer dele um desejo, uma causa de agitação seria afastar-se dele.

Refleta sobre isto: a realização da impermanência é paradoxalmente a única coisa que podemos manter, tal vez nosso bem último.

Então as condições sociais? Sim, melhoraram bastante. Mas uma delas começou a beber, e depois o coração estourou, e ficou apenas para os outros uma memória incômoda. Parece que sim, que tinha demasiada imaginação, e levaram-na ao médico e ele disse: agüente-se, e ela não se agüentou. Era uma criança. Não, não, nessa altura já tinha crescido, bebia pelo menos um litro de brandy por dia. Nada mau, para uma antiga criança. A verdade é que era uma criança, e não se agüentou quando o médico disse: agüente-se. E as ruas são tão tristes. Precisam de mais luz. Mas

Mas eu nem sempre quero ser feliz. É preciso ser de vez quando infeliz. Para se poder ser natural...

Olhando para as nossas sensações, podemos ver hábitos fisiológicos, físicos e psicológicos; não apenas os nossos próprios hábitos, mas também aqueles hábitos sociais cujos produtos estamos consumindo.

PERSONALIDADE - Todo personagem manifesta uma personalidade. Seu personagem é limitado? feliz? brilhante? De maneiras encaixadas ou descaixadas? Que tipo de personalidade tem o seu personagem?

se pertinem, eles fedem. aos olhos. Por mais que eles se lavem, os vivos, por mais que

Apesar de desejar a paz, não se pode esquecer a realidade. A realidade é a única coisa que podemos manter, tal vez nosso bem último.

As coisas foram de mal a pior naquela casa, para mim. Para vez pior, não que não me deliqueresse, eu nunca poderia me negligenciar o bastante, mas no sentido em que eu vinha o tempo todo me associando com o meu filho, incluindo a barreira que eu tinha e a distância que eu tinha para qualquer homem, já o sentia perto. Se não pudesse, não é nada.

Mas perceber agora a unidade que todos os contrastes e diferenças que existem no mundo. Uma vez que em nosso estado atual, as coisas são percebidas separadamente, não há unidade que as englobe. Portanto, a filosofia oriental do mundo próprio, que procura a unidade, é extremamente diferente de todos os contrastes e diferenças que existem no mundo.

However, we usually know only the world of concepts because ignorance and wrong view have been accumulated for so long. Ignorance of paramattha dhammas is the kind of ignorance which should be eradicated; it brings sorrow. Ignorance conditions the wrong view of self and all other defilements. So long as there is ignorance we are deluding ourselves, we do not know what our life really is: conditioned phenomena which arise and fall away.

a quatro mãos e como o afeto intelectual se confundia com amor, Diana cravou na pele a ilusão de que os dois “se pertenciam”. Diana já tivera entre casos amorosos fortes no mínimo quatro namoros longos, mas jamais cravara na pele a ilusão de pertencimento; troquemos ilusão por: desejo de compromisso de envolvimento perpétuo, nos baixos e altos, nas alegrias e dores, assim por diante. O sofrimento nos últimos meses pela falta de troca (sempre rebatida convincentemente, afinal, com argumentos de que esse sofrimento derivava de uma deficiência de Diana na contenção quanto aos desejos) converteu-se em espécie de porrada física ininterrupta na área do peito – tal como no trecho desta dissertação em que o ator recebe um paralelepípedo na região. A dor, que antes abria o espaço natural que as dores abrem para o respiro, em dois mil e onze se tornou inviável e a fim de interromper a pressão Diana tomou um dia sessenta gotas de rivotril. Noutro, quarenta. Não intencionava suicídio, ao contrário, buscava um alívio físico. As interferências no corpo não começaram nem terminaram aí: antes disso aflorara o que uma mente em perturbação irrefreável alcança no campo obsessivo-compulsivo – ingerindo todo tipo de mix entorpecente para “se desconectar” do mundo –; além de em dois mil e dez submeter a forma a um implante de mama, como se algo pudesse florescer através da matéria, já que crescera atrofiada no peito, no tórax apenas mamilos e ossos.

Visitemos o refúgio do Buda do Dhamma e da Sangha.

Refugiar-se no Buda não nos incita o culto a Sidarta nem aos demais que atingiram o estado de *Arahant*. Refugiar-se no Buda é se refugiar no inextirpável saber da mente. Sidarta e a corporificação do estado iluminado inspiram tal qual um mestre estende a mão e permite ao discípulo o reconhecimento da sabedoria que lhe é imanente.

Ao distanciar Buda ou um mestre como entidade à parte, atribuímos ao externo a responsabilidade de findar o sofrimento. Melhor permanecermos com poupança ou talismã, que nos poupa o trabalho de mais um empreendimento. Refugiar-se no Buda constitui o afastamento de paisagens mentais sitiadas por inveja raiva medo; consequentemente, a sementeira das ações gerará menos distúrbios.

O Dhamma, palavra polimorfa, palpabiliza neste caso a verdade última. Para não divagarmos no enunciado da verdade, vale a escansão do termo para que não a confundamos com uma mentirinha pessoal.

A *verdade* se finca no aqui e agora (Sanditthiko); independe de condições temporais – de modo que não se emaranha a opiniões ou teorias perecíveis (Akaliko); exige o esforço de presença porém é aberta a todos e não a um clube ou patota em particular (Ehipassiko); não provoca gorjeando berregando de nenhum tipo – e sim serenidade e paz (Opanayiko). Por fim, reiterando Sanditthiko e Akaliko, não se prova através de filtros – explanações em dissertações, filmes, romances, aulas, mosteiros –, apenas através da experiência direta. O que não impede que a experiência direta insurja nesses espaços. Na verdade do presente imediato nos resguardamos dos pensamentos das superstições das identidades.

O refúgio da Sangha, considerado sob perspectiva histórica, poderia se remeter à comunidade monástica que obedecia aos preceitos budistas. Ou, ampliando, aos praticantes leigos que se reúnem a fim de meditar, seguir parte dos preceitos e estudar os ensinamentos de Buda. No entanto, apesar das lentes dos óculos usados pela mente que rege as mãos que organizam este texto serem budistas, enxergaremos como Sangha união que transcende etiquetas.

No lugar da frontaria *ista* ou *iano*, enxergaremos tribo que se empenha em não alavancar a desarmonia e a crueldade, e que na convivência diária presta atenção, plena atenção, a cada lance sobre o tabuleiro onde se movimenta e respira.

O sustentáculo da atenção também elucida quando a identificação com o *ego* provocaria feridas. Essa tribo não privilegia a linguagem como conexão – posto que conhece as limitações e os problemas que derivam desse privilégio –, ciente de que um elo que não se controla através do pensamento a mantém interligada. Entretanto, informada – e inclusive experiente – sobre as artimanhas do *a vida é assim*, conhece os buracos negros em que se cai por descuido e, devido a tal conhecimento, estabelece margens que se estendam como bússolas éticas, para que se, distraídos, a sequela da queda não redunde em devastação. Essa bússola não aponta culpa ou pecado, e se garante de direções cardeais tais como:

N→ a do homem como espécie interconectada, não se arrogando posição cêntrica e parasita das outras que integram a natureza (o que inclui não matar outros seres vivos somente porque estes lhe causam desprazer – como mosquitos, baratas, ratos etc.)

S→ a de que a noção de posse manivelaria o desejo, e de que o desejo pela obtenção da posse manivelaria ações danosas à convivência, resultando em um *eu* separado dos demais.

Um *eu* separado motivaria a desigualdade que privaria parte da comunidade de elementos essenciais para a manutenção de um organismo (por exemplo: o acúmulo de comida por parte de um indivíduo privaria outro indivíduo da quantidade necessária de energia para se mover). Esse desequilíbrio inevitavelmente repercutiria na sobrevivência da tribo; entretanto, também para se refugiar desse desequilíbrio – escancarado em cada concepção territorial das nações, mas que se inicia na concepção territorial que nasce equivocadamente da cisão do cordão-umbilical – a Sangha existe.

Os bens da Sangha são bens comuns e ao se repartirem as quantidades iguais de comida e outros itens básicos para o funcionamento do organismo, cada célula atua na extensão que lhe cabe não oprimindo a célula vizinha a fim de conquistar mais metros quadrados.

O homem que dorme, na recusa ao afluxo de vozes solicitando interação, se isola de tudo e todos a fim de interromper o ciclo, porém se ilude ao esperar que simplesmente a indiferença o poupe de subsistir célula. O refúgio à grelha que ele reconhece insatisfatória desmorona pelo engodo de um *eu* que se crê apartado.

Sublinhar o tema dos refúgios então porque, sem a concretude de alternativa ao *a vida é assim*, como não embotar a visão e equivaler a cessação de Kama-Loka à indiferença? Como não embotar a visão e não equivaler a cessação ao suicídio? Os refúgios mencionados não se condicionam a Anicca, Anatta e Dukkha. Não se trata de Buda, e sim da sabedoria da mente; não se trata de uma verdade datada numa árvore genealógica, e sim da experiência do aqui e agora; não se trata de uma comunidade em especial, e sim de pessoas que procuram praticar ações benéficas.

Algumas linhas das últimas páginas de *Um homem que dorme*:

Você nada aprendeu, a não ser que a solidão nada ensina, que a indiferença nada ensina: era um engodo, uma ilusão fascinante e enganadora. Você estava só e eis tudo e queria proteger-se; que entre o mundo e você as pontes estejam para sempre rompidas¹⁹.

Sem o fora do *a vida é assim*, de fato as pontes com o mundo podem ser rompidas. Porque se gruda a *vida* ao *assim*. Fulano ficou tempo demais fora do mercado e agora não consegue se inserir ou Fulano já é velho demais ou Aguardei Fulano por muito tempo chega.

¹⁹ Pereg, Georges; p. 113

Deveríamos definir o que significa desejo. Se não temos o que comer por três dias, sentimos vontade de comer. Isso é desejo? É o desejo natural pelos elementos indispensáveis à vida algo que precisamos destruir?

Moha is dangerous, it is the root of all akusala. When we are ignorant of realities, we accumulate a great deal of akusala. Moha conditions lobha: when we do not know realities as they are we become absorbed in the things we experience through the senses. Moha also conditions dosa: when we are ignorant of realities we have aversion towards unpleasant experiences. Moha accompanies each akusala citta and it conditions all ten kinds of akusala kamma patha (killing, stealing, lying etc.) which are accomplished through body, speech and mind'. Only when there is mindfulness of the realities which appear through the six doors, the wisdom is developed which can eradicate moha.

promove a esperança no lugar da subterfuge, celebrando os aspectos mais superficiais, mais desarmônicos e menos reais da nossa inteligência. Nós nos tornamos tão falsamente "satisfatos" e orgulhosos que tomamos a própria ilusão pela verdade, e a dúvida que não é nada mais do que uma tentativa desesperada de ego para se defender da subordinação é entendida, como queda e fruto do verdadeiro conhecimento. Essa forma de dúvida é a "dúvida" o impedimento maior para a iluminação, servindo por um terreno de "pedras" que nos cristalizam não a dúvida genuína e de alma aberta que o Buda nos assegura ser necessária para verificar o valor dos ensinamentos, mas uma forma destrutiva de dúvida que nada nos deixa para acreditar, nada em que cultivar nossa esperança, nada por que viver.

Terra
Nosso corpo começa a perder toda sua força. Toda a nossa energia se esvaziar. Não podemos nos levantar, ficar em pé ou segurar qualquer coisa. Não conseguimos sequer manter nossa cabeça erguida. Sentimos como se estivéssemos caindo afundando dentro do chão ou sendo esmagados por um grande peso. Alguns textos tradicionais dizem que é como se uma montanha imensa estivesse sendo posta sobre nós, ou como se um oceano de água estivesse descomprimindo-nos. Sentimo-nos pesados e desconfortáveis em qualquer posição. Podemos pedir para ser levantados, para que elevem nossos travesseiros ou para que adobertas da cama sejam retiradas. Nossa pele perde a cor e fica pálida. Nosso corpo fica encoado e manchas escuras aparecem em nossos dentes. Tornam-se mais difícil abrir e fechar os olhos e a medição que o agrgado da forma se dissolve, tornam-nos frágeis e frágeis. Nossa mente se agita e delira, mas logo mergulha na somolência.

O indivíduo é a sociedade e a sociedade é o indivíduo. A sociedade existe. O indivíduo existe. Mas é impossível saber onde começa um e o termina o outro. É aqui que está a chave desse problema, desse aparente dualismo entre indivíduo e sociedade. Mas o conflito nasce porque separamos a nós da sociedade através do ato mental de ter uma idéia de nós mesmos, uma idéia da sociedade. Qualquer que seja a idéia.

Quando ouvimos alguém nos elogiar, podemos ter uma sensação agradável. Tal sensação também deve ser examinada. Obviamente que temos o direito de aceitar uma boa sensação, mas nós sabemos que, em nossa prática de meditação, precisamos observar com mente atenta a fim de termos uma percepção clara acerca da natureza da nossa sensação. Se, em nossa observação com mente atenta, vemos que aquelas palavras elogiosas foram baseadas em bajulação mais do que na realidade, então percebemos que nossa sensação agradável surgiu da ignorância e de um falso amor-próprio. Tal sensação prazerosa pode nos levar longe no caminho da ilusão.

Assim, pois é absolutamente necessário para cada um acreditar no nada. Mas isso não significa nihilismo. Algo existe; porém esse algo está sempre pronto para assumir alguma forma particular e tem certas regras, princípios ou verdade em sua atividade. Isto se chama natureza de Buda ou o próprio Buda. Quando tal existência é personificada, a chamamos de Buda; quando a compreendemos como verdade última a chamamos de Dharma; e quando aceitamos a verdade e agimos como parte do Buda, ou de acordo com os princípios, denominamos a nós mesmos de Sangha.* Embora haja três formas de Buda, são uma só existência sem forma ou cor, sempre pronta para tomar forma e cor.

"Grilhões" São dez os grilhões que amarram os seres ao oceano da existência: 1) auto-iliusão; 2) dúvidas; 3) negligência em meros rituais e pela existência material; 4) desejos sensuais; 5) má vontade; 6) a sede pela existência de puro material; 7) orgulho; 8) vaidade ou presunção; 9) frequência em abandonar a prática. Os cinco primeiros são chamados "grilhões superiores" e os cinco restantes são chamados "grilhões inferiores".

No mundo das identidades, de instituições que nos abraçam se há diamantes na vitrine do currículo ou na vitrine da forma ou na vitrine da idade, no mundo de amores que perduram conforme quadrilhas de características, no mundo de uma individualidade que se concebe pela definição do apego a uma personalidade, nesse mundo, as pontes podem ser rompidas e talvez já tarde demais game over. Entretanto quão acordados para integrarem de fato uma união estão os territórios e os homens com os quais o vínculo se rompe?

Tal como você, você acorda agora tarde de quarta. No meio da semana a certeza o torpor não era passageiro. A desculpa da enfermidade não se sustenta mais. Novamente não vai ao consultório. Talvez momento de telefonar ao seu analista o que está acontecendo mas você sabe bem seu analista não diria nada que não soubesse. Nada que você mesmo não tenha papagaiado aos seus pacientes. Ao redor uma biblioteca com Freud, Lacan, Winnicott, Klein. Não seu psicanalista não diria nada que você não tivesse lido no máximo concederia o encaminhamento a um psiquiatra. Mas você não está doente aqueles pacientes não estavam quando lhe disseram. Você não telefona a seu analista nem comparece às sessões de seus pacientes. Não abre os livros da biblioteca em busca de solução. Não ouve as sessões gravadas quando treinava bons comentários. Não quer falar sobre seus sentimentos, suas emoções, seus pensamentos. Não sente não pensa nada. Há quanto tempo já não ouvia os pacientes não os ouvia como um robô.

Tal como você você acorda agora na madrugada de sábado. As crianças já não voltam para casa. O pai decidiu por bem. Você não está em condições, ele garantiu da última vez. Não deixou de depositar o dinheiro desde a separação. Quanto a isso fique tranquila. As crianças se debruçavam sobre o colchão mãe o que está acontecendo. A mais velha você percebeu foi para a sala chorar o mais novo repetia pai o que está acontecendo com a mamãe. Você o olhava sem contudo atender a apelos. Como se além de expelir os fetos do corpo nada daquilo se relacionasse a você. Folheia receitas que o bebê não se fira no berço que não se transmitam emoções negativas ao bebê-♪

Como se todo o esforço nunca tivesse nada com quem é e sim um personagem do qual dependiam médicos professores educadores sua função de mãe presentes e guloseimas encher a geladeira manter as coisas limpas levar à escola. Você é esta que acaba de perder a guarda dos filhos nem tem curiosidade de saber como estão.

Você sempre soube. Desde o primeiro momento em que ingressou na faculdade soube nada a mostrar nenhum estilo a revelar em seus filmes. Uma história social, defendeu no projeto. Desigualdade entre os que acumulam terras e os que não têm onde morar; desigualdade além de fronteiras. Você decorou as palavras-chave que aprovariam e as aplicou, não era o primeiro. E sobre o novo, sabia questão datada, não se tratava de pudor quanto à novidade. E sim de um para que se esforçar? Você conhecia quem fizesse cinema. Homens empenhados e eles continuariam. O cinema continuaria sem você.

Você sem o cinema.

As pontes entre nós e o mundo nunca se rompem.

Podemos ou não saber disso.

Se colocamos uma venda nos olhos, na posição de observadores o mundo automaticamente se converteria em um todo negro. Observador e objeto se indissociam. Contudo, independente de nos facultarmos a observação dos fenômenos, seguiremos (como seres vivos) conectados à vida.

Homens que dormem interpretam a

equanimidade da mesma maneira que Clov ao deslocar os brinquedos de um lado para o outro e concluir tanto faz onde se situem a vida será sempre uma partida protagonizada por personagens cujas formas não escapam à degradação e, para se distraírem (preencherem a espera da cessação) do próprio jogo que protagonizam, inventam exaustivas tramas e personagens.

As pontes entre nós e mundo

nunca se rompem porque entre nós e mundo não há *entre* nem pontes; no entanto o torniquete ao qual se autocondena o homem culmina com o imperativo dirigido à terceira pessoa do singular (você) revelando o equívoco da batalha que não o transformou em deus anônimo pelo caminho da indiferença; não o tornou inatingível aos efeitos históricos ou da natureza; revelando um homem sozinho numa praça aguardando a chuva e com medo.

Suspendamos a moral da história.

A amassadeira de um: ah bem-feito quis se desligar de tudo não ser ninguém daí não tolerou as consequências se fode aí.

Ao se despojar

das máscaras, isto é, ao perceber que na verdade a conexão com o *mundo* não resultou de metamorfose, e sim de incompatibilidade desde o seio do nascimento, o homem que dorme se despe de uma concepção de homem. Uma concepção aveludada no berço em que se desembaraçava dos primeiros dilúvios. No entanto, ao ignorar que essa concepção de homem e de mundo não pré-existem à espécie humana e ao universo,

na esfera conceitual. Neste sentido, a *enumeratio* é uma forma de mulação que aparece com constância na literatura medieval, quando os termos listados não parecem coerentes entre si,

patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza. Isto é pouco evidente na poesia lírica, em que não parece haver personagem. Todavia, expresso ou não, costuma manifestar-se no poema um "Eu lírico" que não deve ser confundido com o Eu empírico do autor. Sem dúvida, houve no decurso da história grandes variações neste campo.

Quantas vezes os meus olhos se voltaram para trás, quando eu me lembro de ti, quando eu me lembro de ti, quando eu me lembro de ti...

As vezes me pergunto se tudo isso não é invenção, se na realidade as coisas não se passaram de modo completo diverso, segundo um esquema que precisei esquecer. Você perdeu seus poderes. Não sabe mais acionar o lento desprendimento das bolhas e das hastas imperfeite da sua córnea. Nenhum rosto, nenhum vilgada vitoriosa, nenhuma cidade no horizonte se pode decifrar por meio das fendas e das sombras.

Em Beckett, as palavras não são mais propulsoras da ação, seus textos dramáticos dissolvem os projetos em palavrório, ordena-

Você nunca está apressado, nunca está perto de virar. Nunca boceja. Nunca ri às gargalhadas. Não verifica as horas nos relógios. Não tem sono.

Enquanto crítico, eu já me achava cineasta. Hoje, considero-me sempre como crítico e, em certo sentido, o sou mais do que antes. Em vez de fazer uma crítica, faço um filme, desobrigado de, nele, introduzir a dimensão crítica. Considero-me um ensaísta, faço ensaios em forma de romances ou romances em forma de ensaios: apenas eu os filmo em vez de escrevê-los.

ou stream of consciousness: de fato, os exemplos de mon interior, sobretudo os de Joyce, seriam pura e simplesmente reunião de elementos de todo heteróclitos, não fosse o fato de que transformando-os numa conjunto coerente, há a informação de emergência da consciência do mesmo personagem, um depois do parças a associações das quais o autor não é obrigado a prestar

Julio. Según Borges, cuando Ibarra señalaba un moso, añadía: "El genio no está para pavadas". Escribiendo los cuentos de Bustos Domecq, creí personajes se definen por la manera de hablar: si el hablan, los conoce, no se equivoca sobre su psicología una prueba de esto se encuentra en el *Martín Fierro*: a libro los episodios son como adjetivos, a pesar de *Martín Fierro* describen al héroe como un hombre p nario, si dijésemos que Martín Fierro es un simple Ju ga Negra cualquier argentino nos desmentiría. Hay un el tono del libro, o de lo mejor del libro, que ha crea circunstancias de su biografía —o las intenciones de lado o se olvidan.

Um calor que ainda permanece no corpo. Todos os sinais se formam e esse é o ponto em que se atesta, numa clínica morta, que estamos "mortos"...

O diálogo de surdos que aqui se trava não é apenas com o mundo e com as suas criaturas. Ele é reflexo, antes de mais nada, da incapacidade de conciliar os fios desencontrados e emaranhados que compõem a própria consciência individual. Na tentativa de tramá-los a contento, suas personagens recorrem sobretudo a um expediente: o de contar-se histórias.

movimento da bordoleira o movimento é que se move. erfume é que tem perfume no perfume da flor. utura novelística. pressivos coerentes, que permitem estabelecer pansão em imagens, à sua articulação em sistemas nada, às leis de composição das palavras, rto tipo de realidade. Portanto, esta sujeita, ippoisição verbal, uma síntese de palavras, sugeno, é porque a personagem é, basicamente, e que o material bruto da observação ou do s coisas *impossíveis* podem ter mais efeito de

Todavia, os textos ficcionais, apesar de seus enunciados costumarem ostentar o hábito exterior de juízo revelam nitidamente a intenção ficcional, mesmo quando esta intenção não é objetivada na capa do livro, através da indicação "romance", "novela" etc.

pensa se despir de todas as concepções de homem de todas as concepções de mundo. E afunda no torpor da ignorância.

Entra um ator em cena. Deita. Não. Antes enfileira os paralelepípedos do cenário. Quantos no total. O suficiente. Agora se deita. Ao lado dos paralelepípedos. Deposita cada um deles sobre o corpo. Reste apenas um braço livre. Este braço o personagem ergue, poderia, rogando socorro. Explique ao diretor que este personagem não se empederniu para rogar socorro. Explique ao diretor que este personagem não erguerá o braço que lhe resta.

Voltemos às listas pelo papel fundamental que exercem na construção do romance *Um homem que dorme*. Esgalhando a ossatura à qual o homem se torna indiferente Perce intensifica o efeito de cessando.

Em *O diabo provavelmente*²⁰, Charles resume ao analista (que visita a contrapelo) o que perderia ao perder a vida: planejamento familiar; excursões de turismo culturais, esportivos, linguísticos; a biblioteca do homem culto; todos os esportes; como adotar uma criança; associação de pais e professores; educação; ensino de 0 a 4 anos, 7 a 14 anos, 14 a 17 anos; preparação para o casamento; serviço militar; Europa; decorações – medalhas honoríficas; *la femme seule*; dispensa médica remunerada, dispensa médica não-remunerada; o homem de sucesso; redução de impostos para idosos; impostos locais; compra a prazo; aluguel de rádio e tv; cartão de crédito; obras em casa; câmbio flutuante; VAT e consumidores. Essa é

a lista que Charles apresenta. Agora, imagine se cada item acima se desdobrasse em nova lista. Perce nos dissuade à quebreira de um você de vinte e cinco anos que se desembaraça do mundo.

Você: geometria apagada, ausência dos sentidos, fatias de ruídos na cidade que não interrompem e sim inflam o silêncio; nenhuma lembrança passada nenhuma futura; o campo não o comove a natureza não inspira; somente o imóvel o que não exige interação interpretação aquilo de que jamais seria dono porque lhe tem total indiferença.

Conhecemos muitos iguais a você olhe ao redor todos incapazes de descrever o coma; contaremos a história de um homem que

Existem forquilhas parecidas às do homem que dorme; como as de Charles e Bartleby²¹. Inclusive em *Um homem que dorme*, Perce cita Bartleby,

²⁰ Bresson, Robert; 1977.

²¹ Personagem da novela de Herman Melville, publicada em 1851.

Kafka, Dostoievski entre outros que abordaram o risível tema *Homem*. Tanto no caso de Charles quanto no de Bartleby entretanto o Vibhava Tanha supera a indiferença. Charles, por mais que negue querer a morte, empenha-se pelo suicídio. A severidade da recusa de Bartleby em agir o conduz à morte. Em ambas as obras, o espectador ganha o respiro dos demais personagens; no filme de Bresson há fresta para o romance e na novela de Melville o humor. Já no caso de um homem que dorme, a narração, na terceira pessoa do singular (Você) intima o leitor a protagonizar o trajeto. Quem renuncia a coisa por coisa é você. Inevitavelmente, não estamos falando de um personagem com outro nome – sabemos que não somos Charles nem Bartleby –, falamos de você. Você é um homem que dorme e, porque não há o ponto final da morte, o trajeto lhe é bem acessível.

Você sabe o que acontece quando uma Diana lê um livro assim? Uma Diana cambaleante que passava horas frente aos patos sem saber o que significavam as anotações sobre ir fundo e largar tudo?

) (

) (

Homem. Isso é tema?

Conheci um homem conheci homens:
a maneira como vocês vivem inspiraria um livro.

Conheci ao chegar tentei fabricar conversa comecei com a reputação talvez eu devesse me apresentar vocês estejam curiosos sobre o que faço da vida enumeraria paradigmas, e se os homens carecessem de diretivas, ainda que fosse eu o clandestino sugeriria articulações com base em reportagens ou no que experienciei punhado de estratégias ou viagens aos paraísos já testemunharam as dez maravilhas?, se preferirem interações cósmicas, tenho o contato de alguns astronautas sempre recrutam um ou dois leigos na exploração das zonas híbridas; e privilegiam temperamentos serenos vocês se encaixariam fácil.

Diana entrou em contato com Alberto Caeiro antes que com o homem do subterrâneo e o homem que dorme. Depois esqueceu, com a rejeição (presunçosa?) ao sábio e simples, ao frequentar congressos literários que pregavam que se ultrapassara o uso da primeira pessoa – como se na verdade o questionamento do *eu* dependesse unicamente do emprego da primeira pessoa. Antes de começar essa dissertação, folheando *Ficções do Interlúdio*, o reencontro com Caeiro assinalou no rumo da pesquisa um ponto de inflexão. Que a entusiasmou por ouvir de um poeta ocidental, um poeta que não abdicava de redigir *eu*, versos que um mestre budista propagaria aos discípulos.

Vocês já ouviram esta história. Entre as tantas e tantas análises combinatórias de um *ouvi falar* que rebramiram, esta porém não se privilegiou tanto. Talvez porque povoada de tempos mortos sem metástase de veículos explosivos nem a maldição que paira sobre os amantes. Vocês a essa altura já ouviram todas as histórias, e a que se conta novamente a que se conta a partir de agora trata de um homem depositado no centro de uma pequena cidade, alcunhemos aldeia?, num dia de domingo, aquele em que as pessoas reservam minutos após o cocoricando com figurinos desengonçados para se debruçarem na janela para a colheita de assuntos sobre os quais cochicharão à noite ao redor da mesa.

A história sobre o homem depositado se passou no século dezenove, mas esse dado na realidade não contribui para contextualizá-la agora num cercado pacato do bairro da Urca ou de Santa Teresa; enfim, em alguma praça à qual hoje vocês apegariam a visão ao abrirem as janelas num dia de domingo. Lá está o homem depositado e não sabemos na verdade que o depositaram somente observamos um sujeito no mesmo lugar há horas com o braço estendido e tenso a mão agarrada a um pedaço de papel. Vemos que o vizinho – Seu Joaquim? –, o vizinho vai até ele e pergunta: o que você quer aqui. Cada vez mais cheias as janelas, pais e filhos se acotovelando, e apesar da inviabilidade de incursão no diálogo, pela distância, reparamos a frustração de Seu Joaquim.

Seu Joaquim prossegue tentando auxiliar o rapaz, que não esboça além de fragmentos desconexos: *cavalo; como meu pai foi*. O pedaço de papel se assemelha a uma carta, e com esforço Seu Joaquim lê no remetente a direção. O suficiente para conduzir o sujeito à casa de um político importante, já que sozinho ele não aparenta condições de se mover. O homem então segue tracionado à casa do: prefeito? Do prefeito, que obviamente no momento viaja, e Seu Joaquim tenta convencer o empregado a acomodá-lo em algum pântano compacto, quem sabe o canil. A postura espantosa do homem cujo nome não sabemos, cabeça apoiada no portão pelo agastamento de se conservar bípede, induz o empregado a guardá-lo até o retorno do prefeito.

O reencontro com Caeiro a entusiasmou por ouvir um poeta ocidental como se a um mestre budista. Na poesia que escreve, Caeiro martela as limitações do pensamento: pensar oculta a realidade e se associa sempre a estados mentais soturnos e doentes.

Na medida em que o pensamento amuralha a presença, embota a visão e – ao contrário do que medem *os homens* (Caeiro se refere aos homens como se integrassem espécie à parte) –, não emancipa e sim estreita a existência. O pensamento intoxica como pedra nos rins da aceitação – e sem aceitação funcionando, como alcançar o estado de equanimidade (Upekkha)?

O estado de trilhar todos os reinos com a espontaneidade da entrega à correnteza frontal e periférica, com a certeza de que a rejeição ao fluxo não incha senão cólicas incictrizáveis. Caeiro portanto não se esforça por conquistar quadras, tornar-se faraó, disputar o título de abre-alas, a garupa da carruagem, amarrar o rabo com seitas castas ou bigodes concisos.

The method of dependent arising (pratītyasamutpāda) is essentially dependent arising. It is the method of dependent arising in the sense that the conditions are dependent on each other. In the Commentaries dependent arising is defined as the arising of effects in dependence on their causes. It is the method of dependent arising in the sense that the conditions are dependent on each other. In the Commentaries dependent arising is defined as the arising of effects in dependence on their causes. It is the method of dependent arising in the sense that the conditions are dependent on each other. In the Commentaries dependent arising is defined as the arising of effects in dependence on their causes.

Sempre que os místicos orientais expressam em palavras seu conhecimento através de imagens poéticas ou de afirmações paradoxais, estão muito conscientes das limitações impostas pela linguagem e pelo pensamento "linear". A Física moderna torna hoje a mesma afirmação com relação a seus modelos e teorias verbais. Estes, também, são apenas aproximações e necessariamente imprecisos. Constituem a contrapartida dos mitos, dos símbolos, das imagens poéticas orientais, e é precisamente nesse nível que estabelecemos paralelos. A mesma ideia acerca da matéria é transmitida, por exemplo, para o hindu, pela dança cósmica do deus Shiva, e para o físico, por certos aspectos da teoria quântica dos campos. O deus que dança e a teoria física são criações da mente, modelos que buscam descrever a realidade que seus autores possuem acerca da realidade.

É um termo técnico designativo dos progressos através de certos estados mentais. Usualmente quatro estágios são distinguidos. Raramente os passageiros no cânone pali que os descreve minuciosamente. Enquanto em algumas experiências adquirida por meio dos Jhānas era considerada um fim, no Budismo eles servem como meios para progressos espirituais.

Como é possível saber alguma coisa se não podemos possuí-la? Quantas vezes o amor é tomado por amor! Mesmo quando a relação é boa, o amor é estragado pelo apego, com sua insegurança, possessividade e orgulho; e aí, quando o amor acaba, tudo o que nos resta para existir dele são lembranças de amor, as cicatrizes do apego.

Para chegar ao conhecimento direto das coisas pela mente-corpo, é necessário todo um trabalho de desaprender. Assim, o ensinamento de um mestre Zen, como o do Mestre Caieiro, consiste mais num esvaziamento do discípulo (na limpeza de seus pressupostos racionalistas, de seus hábitos abstratizantes, de suas desnecessárias e atravancadoras complicações mentais) do que num acréscimo de conhecimentos, tal como se concebe o ensino ocidental.

Com a classificação de Borges, a poética da lista atinge seu ponto de máxima heresia e blasfêmia contra toda ordem lógica pre-constituída.

Saúdo todos os que me leram,
 Tirando-lhes o chapéu lacygo
 Quando me vêem à minha porta
 E saudando-me dizem à minha porta
 E chovia, quando lhes no cimo do outeiro,
 Ao pé de suas casas abertam
 Uma cadeira janelada aberta
 E ao lerem a chuva é precisa
 Que se sentem, tendo os meus versos
 Por exemplo a árvore anilha
 E limpavam com um baque, cascos de crineta
 Com a manga do suor da testa quente
 E bebendo do bibé riscado.

O essencial é saber ver.
 Saber ver sem estar a pensar.
 Saber ver quando se vê,
 E nem pensar quando se vê
 Nem ver quando se pensa.

O carma, assim, não é fatalista nem predeterminado. Carma significa a nossa habilidade de criar e mudar. É criativo porque podemos determinar como e por que agimos. Nós podemos mudar.

O método ensinado pelo Buda no Sutra dos Quatro Estados (Cattariyogajñāna Sūtra) é o método da mente atenta. A mente atenta reconhece o que está acontecendo no corpo e na mente e, então, continua a iluminar e a observar profundamente o objeto. Durante esta prática, não há ansia, fuga ou repressão em relação ao objeto. Este é o verdadeiro significado da expressão "pura observação". Não há cobardia nem repugnância.

Nibbāna is nāma. However, it is not citta or cetasa, paramattha dhammas which arise because of conditions and fall away. Nibbāna is the nāma which is an unconditioned reality, therefore it does not arise and it does not fall away. Citta and cetasa are nāmas which experience an object; nibbāna is the nāma which does not experience an object, but nibbāna itself can be the object of citta and cetasa which experience it. Nibbāna is not a person, it is non-self, anattā.

observar todos os dharmas, mas sem gerar quaisquer ideias fixas,

A filosofia "Caieiro" não é uma resposta idealista-otimista (o mundo é belo) mas uma resposta realista, no sentido literal da palavra (o mundo é). O Mestre ensina que os problemas não estão no real, mas no imaginário infeliz com que o recobrimos; e aponta assim a saída para as velhas angústias que Pessoa carregou desde sempre. Em Caieiro, o "Vácuo-pessoa" deixa de confundir-se, perigosamente, com o Nada-pessoa, e de pretender preencher-se com idéias, para simplesmente acolher o Universo. O Vazio é então experimentado em sua função ativa, exatamente como no Zen⁽⁷³⁾. Não há, em toda a poesia de Caieiro, uma única referência ao Vácuo ou ao Nada. Porque em Caieiro, o Vazio se

Retar. O conhecimento racional é, dessa forma, um sistema de símbolos e conceitos abstratos, caracterizado pela estrutura sequencial e linear tão típica de nosso pensamento e da nossa fala. Na maior parte das línguas, essa estrutura linear é explicitada através do uso de alfabéticos que servem para comunicar a experiência e o pensamento em imagens lineares de letras. O mundo natural, por seu turno, compõe-se de infinitas variedades e complexidades, tal-se, na verdade, de um mundo multidimensional, onde inexistem linhas retas ou formas intuitivamente regulares, onde as coisas não ocorrem em seqüência mas concomitantemente; um mundo onde - segundo nos influencia a Física moderna - há mesmo o espaço vazio e curvo.

O exercício da atenção plena denuncia, a nós mesmos, quão condicionados à ignorância do aqui e agora estamos, titubeando pensamentos entre o que categorizamos passado e futuro.

Existe palavra para o que chamamos de atenção plena: Satipatthana. Sati, como fator mental, viça a consciência a adesão a este instante, à atenção. Patthana à estabilidade, ao aplanamento. Assim, Satipatthana é o estabelecimento da plena atenção.

Para tanto, submergir na observação do objeto detectando nele os traços dos quatro elementos (terra, água, fogo, ar): tensão, fluidez, aspereza, movimento etc.

Mediante a plena atenção, o homem se vacina contra epidemias mentais (Kilesas), tendo em vista a prevenção quantos aos estados inábeis (Akusala) e a receptividade aos hábeis (Kusala).

No sutra *Satipatthana*, os quatro fundamentos da atenção se configuram como trilhos expressos que conduzem à superação da tristeza e lamentação. Os quatro fundamentos da atenção plena (Kayadi-satipatthana-padatthana): 1. o corpo (*Kayanupassana satipatthana*) 2. as sensações (*Vedanupassana satipatthana*) 3. os estados mentais (*Cittanupassana satipatthana*) 4. os dhammas (*Dhammanupassana satipatthana*).

Conheci homens de quem tentei arrancar papo homem para homem mesmo que eu pululasse mulher não abdicasse do decote agora meu peito aumentara não renunciasses ao relevo do sutiã branco sob blusa transparente; conheci homens que não se esforçavam por inscrever minha identidade não aspirassem à adulação mesmo que, amontoados como um corpo coletivo sem contudo se esmagarem, me ouvissem recebessem na cartilagem minha ansiedade por me desfazer da solidão através do vórtice de palavras. Conheci esses homens que operavam o eco da minha vulnerabilidade sem contudo me expulsarem nem me censurarem nem me negligenciarem; as portas se conservavam abertas eu poderia entrar a qualquer momento.

1. Focar no corpo (Kaya) não se trata de embarcar *no preciso emagrecer cortar o cabelo preciso de um creme antirrugas*. Ponderando que o corpo amalgama os quatro elementos, contemplemos a cisão das partes duras (terra), líquidas (água), da energia que flui (ar) e do calor (fogo), depositando-as em esquinas distintas até que não sobre nada e nos desidentifiquemos com uma matéria à qual atribuiríamos a forma *eu*.

Se o apego se mantiver intacto, examinar a precariedade de um físico que se degrada a cada minuto, de um físico suscetível a enfermidades e incapacitações, um necrotério de outras espécies ingeridas, um esqueleto em irmandade com outros esqueletos depositados no mesmo jazigo na mesma fogueira. A instabilidade, a aceleração das transformações (Anicca) que ocasionam frustração, sofrimento, insatisfação (Dukkha), porque não as controlamos (Anatta); sem autonomia, o corpo se sujeita à lei do desgaste.

Se o apego se mantiver intacto, iterar o aspecto latrinário dessa substância que enxaguamos diariamente que mascamos com desodorantes perfumes cremes de limpeza em que esfregamos algodão cotonetes gazes para ocultar o sangue o pus as remelas o bafo as melecas os peidos de um espaço que provém de um esterco permanece entrançado em um esterco de esterco e se destina a um esterco de esterco de esterco.

Estamos de pé? Estamos sentados?

Quando estamos deitados precisamos atentar estamos deitados; quando piscamos atentar piscamos; uma tecla após a outra. Saber se desligou o ferro, saber se desligou o forno, saber se desligou o gás; cada passo direita esquerda.

Desdobrar

a respiração entre surgindo e cessando, inspiração longa e expiração curta leve ou carregada; evoluindo junto ao corpo da respiração até que esta se amanse. (Da concentração nesse ir-e-vir, que outros fenômenos se detectam diretamente?)

Com a respiração estabelecida, o corpo embasa a atenção a ciclos de estados mentais, objetos mentais e sensações. Há técnicas que estimulam a inspiração e expiração de Metta (amor-bondade) nos primeiros minutos como força motriz da aplicação.

Quando o prefeito finalmente chega de sua viagem, a carta que com dificuldade se arrancou da mão do homem é declamada publicamente em meio a um engarrafamento de curiosos que espiam o homem estirado no canil. Uma espécie de escrivão comissário ou riscador genérico abre um processo e transcreve ao papel cada linha. Na carta, narrada em primeira pessoa, descobrimos que um *eu* enviou esse jovem que deseja servir a pátria. Esse jovem, quando bebê, teria sido abandonado na porta do eu-operário, cujo piso salarial já não cobria os gastos da família de dez filhos. Assim, decidiu por bem confinar o bebê numa vala de modo que ninguém nunca soubesse de sua existência. Desde que nasceu, até o presente momento o homem não saíra do buraco. O *eu* encerra sua carta rogando que o homem não seja de maneira alguma maltratado.

2. Focar nas sensações (Vedana). Salientemos a correlação com as ações praticadas (Kamma). As sensações, analisadas conforme o afeto, revezam-se em três tipos: prazerosas, desprazerosas e neutras. Entre os humores (sensações internas), encontramos por exemplo Sukha Vedana (alegria, tranquilidade), Dukkha Vedana (depressão, aborrecimento, desânimo) e Upekkha Vedana (equanimidade entre alegria e tristeza; neutralidade).

Entre as sensações externas, dançam: Somanassa Vedana: o êxtase resultante do contato dos sentidos com seus objetos (visão, cheiro, som, sabor,); Domanassa Vedana: o desagrado através do contato dos sentidos com seus objetos (frustração? nojo? discordância?) Upekkha Vedana: a equanimidade quando os sentidos contactam seus objetos.

Detenhamo-nos nas raízes de alguma sensação: se prazer ou desprazer fumar não arremessemos bananas aos macaquinhos; logo que a atenção afrouxa, Vibhava Tanha, Bhava Tanha e Kama Tanha nos impregnam em desserviço. A atenção deve nitidizar o que desencadeia o gozo ou a dor, por quê; o que os obriga a declinar; por quê; como irrompe a neutralidade, por quê?

Começamos de um nome?

O homem sobre quem contamos não começa. Não começa de berço nem de fale mais sobre você. Começa já com tamanho inacreditável para os que o rodeiam. Esse homem não sabe dizer uma palavra. Inacreditável tanto tamanho não o depositaram na escola curiosamente não o exterminaram de seu meio. Seu meio? Ao redor calculam quanto vale. Temos um caráter o homem deveria perscrutar os árbitros. Para comer precisa de uma posição, não deitado não se ingere deitado engasga. Enlaçam-no mãos na altura da barriga e o arrastam até um banco. Cai para trás seguram para que não caia estique as pernas escute se comporte como um homem estique as pernas use os talheres *faça como eu*.

3. Focar nos estados mentais.

Devemos considerá-los: sem o envolvimento com outros objetos. Entre os estados da consciência, destaquemos os de Raga – embrulhada por paixões –, o de Dosa – enjaulada em agressividade –, e o de Moha – o da ignorância.

e depois já imiscuídos ao externo.

Por exemplo, o desejo associado a alguma coisa. A raiva direcionada a alguma coisa. Invejar uma condição inconstante; sentir raiva do que não goza de identidade permanente, valorar o afeto em formas.

Focar nos estados mentais;

ciente de que não se tratam de um mas de múltiplos que surgem e cessam; observar cada estado a partir do surgimento. Por exemplo suponhamos que nutramos raiva por algo. Em primeiro lugar, tentar se desidentificar com a existência da raiva e dissociá-la do objeto. Não se tornar um passageiro do navio ou do bote, e sim observar a existência impessoal da presença.

No sutra Vitakkasanthana (A remoção de pensamentos que distraem), o Buda instrui técnicas para remover os pensamentos que distraem. Primeiro degrau. Tentamos transformar os pensamentos prejudiciais em pensamentos saudáveis. Se no movimento para subir esse degrau a fim de aquietar a mente, persistirem pensamentos ligados à inveja ressentimento etc., pesar quão nocivos tais pensamentos e quanto sofrimento produzem. Se no movimento para subir esse degrau, os pensamentos persistirem, tentar selecionar tudo e apertar a tecla *delet*. Silenciá-los através de investigação mordaz: por que me apego à existência desse estado? Exemplo: por que o apego à existência da raiva como se ela dissesse respeito a mim? Por que, depois de sustentar o apego da mente à raiva ainda a direciono a Fulano de tal como se Fulano de tal fosse o responsável pelo apego que opto a cada segundo por proteger? Por que isso? Por que aquilo? Se enquanto estiver silenciando a fonte desses pensamentos, ainda assim surgirem pensamentos ruins, com os dentes cerrados subjugamos a mente com a mente.

Caeiro não se debruça sobre manuscritos em busca do insondável, não se descontrola por esculpir em uma forma a carniça os átomos e a cal como consórcio trilógico. Matutar o mistério do universo em colossos literários em cânones científicos não difere de optar por um mortório, enquanto o vento enquanto os montes enquanto feixe de rebombos inconexos aos quais os homens atribuem substantivos coletivos, convidam à mera coexistência, mera no entanto plena o suficiente para não participar dos combates sediados pela cobiça. Um bebedouro de vida que nunca jorra o mesmo ar, que não estrangula as mentes de principiantes, que faculta a cada instante novo flanco. Inexaurível renascimento, confiante de que a papada da erudição não alarga a sabedoria. Saber é atributo da visão, e a visão aqui não atende à base dos olhos como sentido, e sim à atenção.

E como manter a atenção se acorrentado às memórias? Ou se projetando o plano de voo em vez de atentar ao fato de que o voo não se interrompe; em suma, de que enquanto planejamos o voo ignoramos o voando de agora. As nuances do voando de agora.

Enquanto sentamos para lamentar algo que se perdeu ou até se regozijar com lembranças de uma “história”, esse momento se esvai sem nenhuma presença. Não à toa, muitos recorrem a esportes radicais a fim de se deparar inelutavelmente com a atenção que a adrenalina impõe – “a maneira de me sentir vivo”. As memórias, produções do pensamento, ferem a ordem do movimento contínuo. Da mesma maneira que uma ave ao voar não deixa rastro do voo, a mente não deve agrilhoar (ou, retornar apenas com a frequência essencial para não apagar diariamente o percurso da cama nem se queimar com o fogo) os passos contínuos que encadeamos no cotidiano. A maneira de se sentir vivo é cultivar a atenção a cada pulsar do presente.

A natureza primária da mente é simplesmente a sabedoria (Pabhassara). Trata-se de um estado tranquilo e não poluído, ou seja, que não fica quicando, nem avançando em direção a algum objeto. Neste último caso, quando o estado mental se entranha àquilo sobre o que avançou, destrinçar o nó é mais difícil. A ignorância sobre a qual já falamos surge quando não se conhece a natureza primária da mente, acreditando-a caixote mágico do qual brotam palhaços legislações pélvis dados e herança e que todo showman constitui uma identidade!

Como já dito, há técnicas que estimulam o uso de amor-bondade para estabilizar a mente. Por quê? Justo por esses estados mentais enfermos que aparecem vez por outra e que não permitem que a prática prossiga sobretudo se agirmos a partir de uma identificação com eles.

Bhante Rahula, no vídeo “Freedom from remorse”²², comenta sobre a ineficácia de dissociação entre a ética e a meditação Vipassana. A questão é que, ao separarmos um do outro, a dificuldade de evolução na meditação se torna muito grande, porque os entulhos da mente voltam e voltam e atrapalham qualquer estabilidade.

Apesar de ter destacado exemplos que versassem sobre os estados mentais adversos, trafegam na mente também estados benéficos. Estes não são o estágio final – isto é, não nos apeguemos a esses mas entendamos que no caminho eles servem como base para investigar o surgindo e cessando, e para alcançar algum insight. Também há a vantagem de se desapegar de muitos prazeres mundanos ao atingir felicidade que independa do externo – aceitação, relacionamentos, servidão ao Tanha – somente então alguns praticantes se consideram prontos para afrouxar o apego.

²² Vídeo disponível em: <http://youtu.be/uveUIMMDPMM>, último acesso 27 de janeiro

Trafegam na mente também consciências como a de Viraga – a ausência de inveja e paixão –, Adosa – sem aborrecimento e raiva – e Amoha – não obscurecida pela confusão e dúvida. Tentemos estabilizá-las ao menos como base para a observação.

A respeito dos estados benéficos (Kusala), citemos alguns.

A esfera da sensualidade. Suponhamos que um estado mental contata um objeto benéfico – sons, imagens, cheiros, sabores, pensamentos – através da porta dos sentidos, e desse contato resultem estados mentais associados ao externo.

A esfera da forma. O estado mental deriva do pensamento (Vitakka) em um objeto-tema da meditação, posteriormente da análise (Vicara) do mesmo sob os seus diversos aspectos, fiando-se que a mente não escape desse objeto (Ekaggatarammana). Da unificação entre mente e objeto, surgem êxtase (Piti) e felicidade (Sukha). Quando esses fatores surgem, a mente entrou no primeiro nível de Jhana (Jhana).

O nível sem forma. Neste patamar a mente não mais se agarra à forma, porém existe o resíduo de apego a uma noção mental sutil, a do espaço infinito. Nenhum objeto atravessa o foco da atenção, no entanto tal vazio ainda não reconhece os detritos dentro daquele que reconhece o vazio.

O campo transcendental. Nele já não há amarras quanto aos três primeiros grilhões (Samyojana): 1. A ideia de existência de um eu (Sakkaya-ditthi) apoiada nos Cinco agregados. 2. A dúvida/desconfiança (Vicikiccha) quanto à eficácia da verdade em relação aos Três refúgios (O Dhamma, o Buda e a Sangha). 3. O apego a preceitos e rituais (Silabbata-paramasa).

Em poucas palavras, apego às aparências de virtude (= somente praticar a plena atenção no momento da meditação, ou ao seguir os preceitos, ou pensar que bastam os preceitos para que se torne automaticamente meritoso). Ou, nos detendo em *nossas* circunstâncias de vida, somente atentar para os problemas quando atingem proporções como o de destruir cidades inteiras, ou quando um atirador invade uma escola e realiza uma chacina. Ou acreditar que o conhecimento superior se detém ao momento em que você senta para ler um livro de um grande teórico ou senta em frente à tevê para se informar “sobre o que está acontecendo no mundo”. Basicamente, desapegar-se de quaisquer ações externas que indiquem que você opta pelas saudáveis ou prejudiciais.

Você já deu parabéns a ele?

No campo transcendental essas pessoas já “entraram na correnteza”. Entrar na correnteza é expressão budista que caracteriza o pontapé rumo à convergência com o Nibbana.

A essa altura vocês já ouviram esta história a essa altura já ouviram todas. Ao redor calculam quanto esse homem vale. Para comer precisa de uma posição, estique as pernas use os talheres faça como eu. Na casa de *faça como eu* um canário em alvoroço e engaiolado. Você gosta do canto de um canário? O homem aos poucos aprende a distinguir entre mão e braço. Aqui fica a mão aqui fica o braço. Não. Aqui fica a mão aqui o braço. E você também tem uma orelha. E tudo o que admitimos desde o princípio como elementar. O calibre do perigo. Alguém carrega um facão vai e vem o auge do movimento beira a ferida. Mas o homem ainda não conhece o desvio permanece impassível não reage. Tentam o fogo. O feitiço hipnótico. Ensinam arde. O homem convocado a seguir a chama se queima. Os dedos fritam e os olhos sopram água. Aplausos. O homem aprendeu o medo passou a se assustar. Todos vibram todos festejam clap clap.

E por não saberem se o homem de fato serve se com q.i. suficiente para aprender de polo a polo, vira atração de circo. Malabarista de trânsito. Vira qualquer escravo que se possa serrar o suficiente para que sua vida justifique ao menos um bom hobby. Venham senhoras e senhores venham com seus pergaminhos, venham abraçar a gargalhada ancestral frente às deformidades. Um ser cujos membros de tão compridos inevitavelmente ocasionarão sua asfixia. Um ser com dois pênis roídos. Um ser com quatro pernas quicando. Você trouxe sua máquina? As atrações fogem do Circo. E um sujeito culto – Gonçalo? – adota o homem escravo para transfigurá-lo em lírios e temperança.

Gonçalo apresenta o homem à música e, já munido de vocabulário que o expresse, o homem após o impulso de esconder o rosto revela que a música. *Soa forte no meu peito. A música soa forte no meu peito*²³. Sim. Esse homem se inflama com angústia de não produzir música como respira. E muito embora já administre a linguagem, segue sem resolver as equações elementares. Às frutas atribui o mesmo senso de identidade que nós temos, enquanto Gonçalo e outros se esforçam por provar que as frutas e os objetos só obedecem aos nossos desejos. Questiona a posição da mulher: por que ganha menos no mercado?

²³ Herzog, Werner. Aprox. 59min.

Darmas são o objeto da mente, assim como o som é o objeto da audição. Sujeito e objeto da cognição não existem independentemente um do outro. Tudo o que existe surge na mente. A fase culminante do desenvolvimento deste princípio fica expressa na frase: "Tudo é mente. Todos os fenômenos são apenas consciência", o que significa: "Por causa da mente, tudo pode existir. Por causa da consciência, todo fenômeno pode existir."

secamente dinâmica do universo. Quanto mais penetramos no mundo submicroscópico, mais compreendemos a forma pela qual o físico moderno, à semelhança do místico oriental, passa a perceber o mundo como um sistema de componentes inseparáveis, em permanente interação e movimento, sendo o homem parte integrante desse sistema.

Neste ponto tocamos numa das funções capitais da cção, que é a de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento deceptivo e fragmentário que temos dos seres.

Quanto mais compreendemos nosso caminho, mais difícil se torna falar sobre ele. Falo a vocês com o intuito de dar-lhes uma ideia do nosso caminho, mas na verdade não é algo para ser falado e sim praticado. O melhor é simplesmente praticar, sem dizer nada. Quando falamos sobre nosso caminho, existe o risco de haver mal-entendidos porque o verdadeiro caminho tem sempre, pelo menos, dois lados: o negativo e o positivo. Quando falamos do lado negativo, o positivo está faltando, e quando falamos do positivo, o lado negativo é que está faltando. Não podemos falar de maneira positiva e negativa ao mesmo tempo. Portanto, não sabemos o que dizer. É quase impossível falar sobre budismo. Logo, não dizer nada e apenas praticar é o melhor caminho.

Não dizer nada pode ser muito bom, mas também não há expressão da mente grande. Assim, a mente grande é não fazer, não fazer e não fazer. Assim, a mente grande é não fazer, não fazer e não fazer. Assim, a mente grande é não fazer, não fazer e não fazer.

para significar tanto o objeto da mente quanto o conteúdo da mente. Quando observamos a mente e os objetos da mente são objetos da mente. Desde que a mente e os objetos da mente estão, essencialmente, empregados para observar a mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente.

Objetos da mente - ao corpo, às sensações e aos darmas - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente.

Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente.

Objetos da mente - ao corpo, às sensações e aos darmas - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente.

Objetos da mente - ao corpo, às sensações e aos darmas - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente. Todos os darmas - físicos, fisiológicos e psicológicos - são objetos da mente.

O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adrecesse pensaria nisso.

O homem sobre quem vocês já ouviram conta que inventou uma história sobre o deserto do Saara, mas que só conhece o começo, em contrapartida o advertem nunca se deve contar história sem poente.

Ao descrever seu sonho com Deus, Caeiro visualiza um menino que foge do céu pelo fardo de se manter sempre sério e com uma coroa de espinhos. Como pregar o amor se nem sequer a mãe de quem nasceu só serviu ao mundo de maleta? O menino foge tornando viável que ninguém descubra, e que um outro cristo pregado à cruz lá permaneça, já que desde então seria eternamente humano e criança. E a partir dessa transformação, Deus consegue agir conforme o momento; Caeiro e ele se dão tão bem que não precisam pensar um no outro – simplesmente vivem juntos. Caeiro lhe conta das coisas só dos homens, que causam graça ao menino, tais como as guerras, os falsos reis, os navios, os comércios. Conta que ao encontrar com esses homens dos quais se aparta, por já serem esses apartados de tudo, os diálogos revelam interlocutores que necessitam criar significados para o entorno da natureza. Mensagens que sobressaiam a própria não-linguagem, pelo egocentrismo de experienciar aquilo que (aparentemente) não lhes diz respeito.

O quarto fundamento seriam os dhammas. No sutra Satipatthana, se dividem entre: os Cinco obstáculos, os Cinco agregados, as Seis bases do sentido, os Sete fatores de iluminação e as Quatro nobres verdades.

Os Cinco obstáculos dos quais já tratamos são objetos internos que podem se conectar a objetos externos. Por exemplo, o desejo pode surgir sem entretanto fixá-lo em nada específico. Enquanto não se conectam aos objetos externos, os chamamos de internos. Os objetos mentais em si significa dirigir o foco a qualquer um deles que tenha aparecido. Mantendo a atenção firme. E investigando. Os objetos mentais descritos, se não observados com plena atenção, impedem os Jhanas, o insight libertador e o transcendente. A plena atenção atua como um portal através do qual conseguimos acessar uma realidade livre de fabricações, não condicionada (Asankhata dhamma).

Para que a atenção plena se manifeste e reconheça as formações (Sankhara) é necessário firmeza. E também é necessário que haja os quatro focos. Porque a atenção plena consiste num contínuo de momentos de atenção plena. O encadeamento desses momentos de atenção sem interrupção (Pavattati). Não existe o lapso de tempo do pensamento na percepção, isto é, não falamos de uma percepção transformada em pensamento e sim numa percepção imediata. Do contrário, nos remeteríamos a algo que já passou e perderíamos o aqui e agora. A atenção deve permanecer mergulhada no objeto.

A palavra Sampajañña significa plena consciência e mostra a firmeza no acompanhamento do objeto. Em suma, não se trata de atenção qualquer.

Do estou prestando tá prestando atenção?

A atenção com fervor

mergulha urgente na captura do objeto, varrendo-o por inteiro. Atappa significaria a investigação do objeto em vários aspectos. Caeiro sabe

que um vento não fala além de que é vento e de que passa e passará. A percepção que vai além se nutre de mentiras; o próprio ato da percepção já o perturba, na medida em que ninguém lhe impôs a obrigação de perceber a natureza que se escancara ao abrir a janela – a percepção *de* chama ao conceito. Bastava trocar a percepção *de* por percepção *ponto*. Da brisa quente que toca no rosto conhecer o elemento ar e fogo; ou sobre a borboleta enxergar um movendo movendo movendo (e não o movimento *da* borboleta, visto que a borboleta não *tem* o movimento. Muito menos classificar a experiência das formas com a ideia de beleza ou feiura: beleza ou feiura resultam do agrado ou desagrado que lhe causaram as coisas às sensações. Caeiro, como poeta e “intérprete da natureza”, alega que se submete sua escrita à mentira é porque, para comunicar-se com os homens através de palavras, parece impossível não se valer de metáforas como flores que sorriem ou árvores com sentimentos. Já o ato de escrever – e simplesmente não se ater ao testemunho da comunhão cósmica que independe de compreensão racional – interfere na verdade de que a existência é suficiente para a completude.

Vocês

já ouviram esse homem depositado no meio da civilização e que não opta pela lógica e sim pela poética? Vocês já ouviram sobre. Ouçam que não diferencia sonho de realidade sonha realidade um território atravessado por vários territórios. O homem atribui à própria cama o único refúgio deste mundo, todo o resto parece árido e golpe duro. Ao final da vida lhe permitem contar sua história sem fim, que no leito de morte um homem goza do direito de dizer o que quiser. Então ele conta a história de um senhor que guiava uma legião, a história de um senhor cego que apenas por provar a terra enxergava o caminho com mais nitidez que aqueles que com a porteira do olhar funcionando o seguiam.

Kaspar Hauser, esse homem lançado aos homens depois de velho, reconhece que para ele os homens são lobos. Incontáveis sequências sensíveis desenham o descompasso entre a lógica e a forma como Kaspar experencia diretamente o mundo. A noção de tamanhos e medidas, o decreto de que Deus teria criado o mundo, e a mais familiar descrevo em detalhes.

Um professor de lógica propõe um problema para Kaspar a fim de verificar o que aprendeu desde que adotado pelo homem culto:

Imagine que existem duas aldeias. Uma em que as pessoas dizem a verdade. Na outra, a mentira. Entre essas aldeias uma estrada leva à de Kaspar e, por tal caminho, chega um homem. Kaspar deve descobrir à qual das aldeias o estranho pertence. O professor de lógica então brada há uma única pergunta para resolver esta questão com Lógica. Kaspar emudece e o professor admite a dificuldade, pois, se perguntar ao homem da aldeia da verdade se ele vem da aldeia da verdade a resposta será sim, e se perguntar ao homem da aldeia da mentira se ele vem da aldeia da mentira a resposta também será sim. A solução, portanto, seria a dupla negação frente à pergunta: você vem da aldeia da mentira? Não, eu não venho da aldeia da mentira – responderiam os mentirosos. Sim, eu não venho da aldeia da mentira. A dupla negação equivaleria a uma afirmação. Kaspar então propõe outra resposta. De antemão, o professor nega a existência de outra resposta. Kaspar insiste e explica: ele poderia perguntar ao estranho se ele era uma rã. Se o estranho respondesse que sim, ele viria da aldeia dos mentirosos. Se respondesse que não, viria da aldeia dos verdadeiros. Mas o professor de lógica não admite essa questão. Essa questão não é admissível: lógica é argumentação para o absoluto e não descrição.

♪ argumentação $\cap$ absoluto ♪

Há alguns dias eu semeei meu nome com pés de agrião. E eles pegaram bem. E isso me deu tamanha alegria que mal posso expressar. Mas, ontem, ao voltar do passeio, notei que alguém entrou no jardim e espezinhou meu nome. Chorei por muito tempo, então resolvi semear de novo²⁴.

No debate “How do we bring about a collective awakening”²⁵ com o ambientalista David Suzuki e o político canadense Gregor Robertson, o monge Zen Thich Nhat Hanh conta à plateia a respeito da convivência na Plum Village – comunidade budista criada na França aberta àqueles motivados a experienciar períodos de retiro junto aos monges residentes.

²⁴ Herzog, Werner. Aprox. 1h10min.

²⁵ Vídeo disponível em: <http://vimeo.com/27873038>, último acesso 27 de janeiro

Reporta-se aos preceitos que a comunidade monástica segue para viver em harmonia e que tais restrições não se cumprem como autoflagelação ou visam à castração, e sim garantem a liberdade. A intoxicação através das drogas – na categoria drogas incluíamos todo entorpecente –, apesar (ou justamente em função) dos efeitos prazerosos que talvez proporcionem, por nos raptar a atenção nos rouba a liberdade.

O monge aguça a relevância de um governo de homens sábios e comprometidos com um modo de vida saudável e não por políticos fustigados apenas pelo progresso econômico de *seu* país. Quando os representantes não seguem princípios éticos, instila-se o niilismo e a esterilidade de nos aprimorarmos como seres humanos – já que a esperança depende da energia que, por sua vez, carece da inspiração de uma comunidade real.

Conheci homens não me destacaram não me descartaram consentiram que ali eu estava, reafirmei a convicção de que a maneira como se portavam inspiraria um livro; eles sabiam embora não se alegrassem por se transformar em fabulário. Depois da falência das caçadas dialógicas, me sentei para rascunhar em defesa da linhagem intelectual enquanto eles se movimentavam latitude longitude sobre a terra entrando saindo das construções com bordas de sorrisos, depois comiam e se reuniam em um salão onde sentavam. Ao redor a pluralidade da botânica a pluralidade dos reinos animais e os arpejos assépticos que me desconjuntavam por dentro.

Destacar o vínculo entre o Vipassana e a prática de Satipatthana. A etimologia da palavra Vipassana corresponde a ver claramente ver além da superfície ver com profundidade; o ponto nevrálgico da meditação por conseguinte equivale à gradação de uma sabedoria que transcende a mundana.

Conceber aqui sabedoria mundana como aquela no reduto das artes e ciências; um conhecimento que ampara a civilização em circunstâncias de vida, contudo cuja cosmovisão não resulta da diligência no desenvolvimento (Bhavana) de uma aprendizagem sobre a mente, que levaria à sabedoria (Pañña).

No budismo, todas as ações e pensamentos do homem se enovelam como produções da mente. Assim, o esmero em estudar a mente consiste, no mínimo, no zelo pela vida saudável em convívio com outros homens que individuais integram o todo.

O domínio do saber no campo mundano não assegura um mérito, visto que provê às vezes submarinos de guerras, manipulações perversas, pão e circo, purificações segundo conceito racial, e por aí vai. Não há demérito no conhecimento mundano, desde que ele aparelhe o bem-estar, o auxílio; desde que emita sensibilidade desgarrada dos chavões que incitam a ignorância.

Nos dois atentados que sofre, Kaspar Hauser, em vez de se empenhar por elucidar o culpado, conta duas histórias.

A primeira. *Eu vi o mar. Eu vi uma montanha e muita gente. Estavam todos subindo a montanha como uma procissão. Havia muita neblina. Eu não conseguia enxergar claramente. E lá em cima, estava a morte*²⁶.

Vipassana, tratando-se dessa sabedoria supramundana, também afasta as partículas de Kilesa e a acústica distorcida do eu (Sakkaya-Ditthi).

Ok. Mas de onde parte um noviço em meditação? Para um iniciante, ver claramente o surgindo e cessando é praticamente impossível, pela rapidez dos fenômenos que parecem justapostos. Seria como pedir a um leigo que decupe o roteiro de um filme sem que ele nem sequer faça ideia do que é plano após plano.

O principiante seguirá um método que se restrinja a poucas coisas. Começemos com a respiração. Admitamos de onde precisamos começar.

Apesar de existirem outras posturas, partamos da mais tradicional: sentado. Porque o próprio ato de se manter com a espinha reta, fincado no chão, exige concentração regrada. Agora sim. A respiração. Contração e expansão. Cada movimento. Não modificar acelerando ou reduzindo manter o fluxo anotando: expansão contração. Anotar sem voz, imediatamente que o rebuliço mental ocorra. Na medida em que surgirem os fenômenos, anotemos três vezes.

Vendo vendo vendo. Ouvindo ouvindo ouvindo. Cansaço cansaço cansaço. Imaginando imaginando imaginando. Dificilmente cheiraremos ou saborearemos – no segundo caso, precisaríamos comer durante a imersão, o que claro não se deve fazer.

A prática de meditação parodia o mundo, de modo que nenhum desses fenômenos notados é perene; da experiência direta desse surgindo e cessando: o insight de udaya-baya-nana. E que característica condiciona o ciclo? A impermanência, elã do insight: anicca-nupassana-nana.

²⁶ Herzog, Werner. Aprox. 1h35min.

Observando o surgimento e desaparecimento incessante, experimentamos sensações de dores no corpo e mentais, o insight do sofrimento: dukkha-nupassana-nana.

Na maior parte dos casos, as sensações de dor física se eclipsam ou ao menos se atenuam. Contudo há aquelas abrasivas e de que não nos desgarramos, o que não deixa alternativa senão alterar a posição.

Nos dois atentados que sofre, Kaspar Hauser conta duas histórias. A segunda, já no leito de morte, enquanto ao redor entoam preces de todos os tipos, trata da sabedoria e da ignorância.

Ainda há uma história da caravana e do deserto. Mas eu só sei o começo. Não importa, Kaspar. Conte-nos sua história. Mesmo que seja só o começo.

Vejo uma grande caravana que vem pelo deserto atravessando a areia. E esta caravana é guiada por um velho berbere. E este velho é cego. A caravana parou. Alguns acreditam que eles se perderam pois se depararam com as montanhas. [O plano mostra que não há montanhas ao redor.] Eles não conseguem seguir a bússola. Então o guia cego pega um punhado de areia e a come, como se fosse uma comida. Meus filhos, diz o cego, vocês estão errados. Isto diante de nós não são montanhas. São apenas sua imaginação. Prosseguiremos para o norte. E então, sem discutirem, eles prosseguiram adiante e chegaram à cidade. E lá a história continua. Mas a história nesta cidade, eu não sei²⁷.

O contrapeso da deficiência da concentração equivale à espessura do desejo pela mudança (no caso, de postura) e este se deve anotar como desejo desejo desejo. Se acaso o deslocamento for inelutável, o praticante deve anotar levantando levantando levantando movendo movendo movendo, e depois prosseguir observando a expansão e a contração.

Dukkha – aquele de que tanto se falou no primeiro trecho – parece evidente apenas frente a manifestações grosseiras, mas no sinal de intolerância ao desconforto de permanecer na mesma posição, detectamos Dukkha. Um praticante assíduo e de longa data normalmente não altera a postura nas primeiras camadas de um sentindo dor.

Conforme se observa que a materialidade e mentalidade se manifestam por conta própria, e não segundo *nossa* vontade, compreende-se o descontrolo sobre eles. Se não podemos governá-los, não formam uma entidade, insight do não-eu (Anatta-nupassana-nana).

²⁷ Herzog, Werner. Aprox. 1h42min.

O amadurecimento dos insights (o aprofundamento no observando a ponto de nuances como a da coagulação num écran) conduz à sabedoria supramundana.

A prática de meditação equivaleria à de gerar fogo antes da facilidade dos fósforos ou fogões elétricos. A presunção de alguns minutos friccionando madeira amparada pelo dogma *I can* não ganharia crédito, porque simplesmente para fazer o fogo necessitaríamos ir além de dogmas e balbucio. Esforço contínuo. Esforço que supera as horas de meditação: o praticante deve estender a observação nas demais áreas da vida.

Ao se banhar ou comer se esforçar por notar esticando esticando esticando, molhando molhando molhando, trazendo trazendo trazendo esfregando esfregando esfregando. Ao caminhar observar o deslocamento de cada passo. Se rápido, esquerda direita esquerda direita.

O Vipassana por conseguinte se espria na vida através do desenvolvimento da observação da verdade de um surgindo e cessando progressivamente minucioso da mente.

S.N. Goenka²⁸ se refere a esse empenho pela visão clara como o trabalho pela experiência de cada aqui e agora; não importando o nome que se dê. Ou seja, não subtraímos de Vipassana apenas a balastrada da meditação. O fundamental incide na prática ininterrupta de saber a mente fluindo em um ininterrupto sem se apegar a lombada do fluxo nem objetivar alcançar moldura em especial.

Após a morte de Kaspar, os cientistas investigam seu crânio e se alegram ao descobrir alteração que comprovaria anomalia no homem.

Em *Um homem que dorme* repetimos repetimos que a energia carece do suporte de uma comunidade real. Então, tal como, quando na comunidade budista, um monge se compromete a revelar se infringiu um preceito – e inicia treinamento para atuar novamente como membro pleno da comunidade –, Thich Nhat Hanh aponta que um cidadão se comprometeria a relatar quaisquer infrações às regras desse modo de vida saudável que todos se dispuseram a seguir. Contudo, ao afirmar um deslize, de maneira alguma deve ser execrado como “culpado” – conforme assistimos diariamente no jornal. A saúde consiste no oposto: somente o amor capacita a reintegração entre outros homens.

²⁸ Professor indiano de meditação Vipassana, responsável por difundir no Ocidente inúmeros centros, o mais próximo localizado na cidade de Miguel Pereira (RJ)

Kaspar Hauser e Alberto Caeiro minam *o homem é assim*. Tanto um quanto outro se apresentam exceções. Kaspar Hauser um não-traço com forma humana. E que portanto empanturrariam com o processo de alfabetização. (Que, como percebemos, não bastou para triturar a sensação de não-pertencimento àquela sociedade.) No caso do Alberto Caeiro existe já espécie de altivez que sublinha seu distanciamento dos homens. Os dois, na medida em que são seres humanos, tremem a base da afirmação de que *o homem é assim*.

Sabe o que acontece quando uma Diana contata essas obras? O mesmo que acontece a quem toca o mundo revestido de grosseira película protetora. O mesmo que acontece a quem não descobriu que perambula sem óculos com dez graus de miopia. O mesmo que acontece a alguém que não descobriu o quanto é ignorante: pouco muito pouco.

Biografia da personagem (2010-2012)

Em dois mil e nove Diana tentou mestrado para Letras na PUC. A poupança se resumia a três mil reais para viver o ano inteiro. Em média oito reais por dia. Para viver o resto da vida? Os frilas de revisão, apesar do requinte de permitirem a não fixação em uma cadeira, pagavam sempre muito pouco. Diana não se animava em integrar novamente o mundo corporativo. Ao ouvir sobre uma escritora que apresentara como tese de doutorado um romance na Puc, acreditou no imbróglio da pertinência de escrever um romance – que já desenvolvia atrelado a cenas e vídeos – e expor como dissertação também. Como hipótese de sobrevivência, só considerava a Academia, talvez porque muito influenciável pelo namorado, o Filósofo II, patroneado pelo CNPQ. Diana triturou os neurônios sem interrupção durante dois mil e nove, e como resultado se classificou em décimo oitavo (penúltimo lugar) na prova de mestrado, posição que, em tese, impossibilitava a munção de uma bolsa. Nunca soube sua nota na prova, mas recordava do fiasco da entrevista. Diga: por que a Puc? Um terror apocalíptico sobreveio dessa notícia e se agravou até fevereiro de dois mil e dez, quando descobriu que fora contemplada pelo edital da Petrobras. Por mais que os prêmios nada digam sobre a qualidade de um escrito, Diana sabia o quanto se empenhara no projeto e se contentava com o retorno (ação gera reação) numa fase em que se acumulavam negativas na perspectiva de inserção no *a vida é assim*. Naquela época, negativas de inserção no *a vida é assim* eram negativas na perspectiva de continuidade de vida.

Ao começarem as aulas, ciente de que a dissertação já não poderia mais consistir em apenas um romance, decidi que traçaria um processo criativo. (Que assumiu caminhos polimorfos até chegar a este.) A pegadinha é que o fator edital impediu algo que nunca se demonstrou verdadeiramente aceito como dissertação consistente – apesar da ilusão da tal escritora-tese-de-doutorado-prêmio-astronômico blabla. Algo que já estaria impedido antes do empecilho. Apesar de se tratar de um espaço de saber no domínio de Letras, a literatura se encarava, a despeito dos tratados sobre criatividade e outros que relativizavam as formas de construção do saber, como insuficiente num projeto. A literatura não era sofia suficientemente meritória para uma dissertação. Essa sentença remonta ao momento de decisão no vestibular em que Diana optara por não cursar Letras. Bem. A história da criação é velha, ao menos pelas redondezas, e na Unirio ao optar por não reproduzir fielmente os clássicos, já ouvira de um professor de direção: “essas criações você tem que fazer lá fora, não na universidade”. Justiça seja feita, na Unirio encontrou mestres admiráveis, em defesa da liberdade de expressão dos alunos; em defesa, acima de tudo, da criatividade. Justiça seja feita, em todos os momentos da trajetória acadêmica, Diana encontrou mestres que serviam como amparo não para os caprichos de uma menina e sim para a liberdade de criação dentro da Academia. Justiça seja feita, na Puc, onde o romance não se permitiu, está se apresentando este trabalho (ainda mais indigesto) como dissertação. O edital da Petrobras envolvia vídeos de patos, de modo que Diana passou a frequentar um pátio onde confinaram os patos do Museu da República. No ano de dois mil e onze esses patos desapareceriam do parque. Os pensamentos na cabeça de Diana se encadeavam ininterruptos (a ponto de intensificar o problema do sono!) e em dois mil e nove decidiu buscar uma rota de remoção – na época já se aceitava pela verdade-ciência a meditação como contribuinte ao bem-estar. Traçou um percurso obstinado por diferentes centros/templos meditativos conectados a práticas de Osho, Zen, Samatha (Tibetano), Taoísmo, Sri Chinmoy até que chegou à meditação Vipassana no final de dois mil e dez. Como o Filósofo II estigmatizava qualquer atividade que interferisse na produtividade de seu projeto como perda de tempo, e Diana e ele estavam acompanhados boa parte da semana, o comparecimento nas sessões em grupo – iniciado em dois mil e nove – e a prática diária em casa, dificilmente se estendia por longos períodos.

Na verdade, as fases em que mais se aproximava do equilíbrio mental equivaliam àquelas em que o relacionamento se rompera. Numa dessas, Diana reencontrou o homem-natureza, por quem se apaixonara no passado e eles conversaram sobre Ecovilas. Conversaram numa noite deitados na terra do sítio dos pais de Diana, enquanto ao redor proliferavam estrelas que se rendiam ao chão. Finalmente na metade de dois mil e onze o basta do relacionamento entre Diana e Filósofo II se deu, e para cesurar a probabilidade de este *basta* constar como mais um enfileirado à sucessão interminável, Diana viajou à Argentina por alguns meses. Coincidentemente, alugou um quarto em uma casa onde um Buda estava sentado na mesa da sala. A dona, PAULA, pianista de sua idade e professora de Yoga, *vivia*. Nesse período, Diana já terminara as matérias do curso de mestrado, e se dedicou a adiantar um pouco o romance. Há muito não tocava em nenhuma página porque o mestrado exigia, se feito com atenção, tempo integral – e Diana ainda não desistira de, pelas notas, obter no segundo ano uma bolsa do CNPQ. Que conseguiu e, portanto, abriu acesso para momentos como os da viagem para a Argentina. (A essa altura, o patrocínio já se interrompera, devido ao contrato que o divide em três partes.) Na casa de Paula, Diana participou de encontros musicais regados a violino e bandoneón. Ao retornar ao Brasil, voltou a frequentar a Sociedade Budista do Brasil²⁹. E compareceu a seu primeiro mutirão na sede de Santa Teresa, devastada pela chuva. João, atual presidente da SBB, deu a ela um martelo e uma espátula para que descascasse árvores caídas que serviriam como banco. À medida que se concentrava no martelo, e retirava pedaços do casco, deparava-se com um aglomerado de minhocas. Minhocas que, junto com Ariana – costa-riquenha que conheceu no templo – retirou com uma colher e devolveu à terra. Depois pintou paredes, catou pedras, lavou o banheiro. De que servia ali uma Diana-escritora? Que alegria saber que Diana simplesmente servia por existir e integrar uma união que visava a tornar aquele espaço – aberto a todos – novamente um refúgio para a meditação. Procurou depois no acervo de Pedro – que fundou um festival de cinema socioambiental em Friburgo (Fricine) – filmes sobre Ecovilas. Formas de organização alternativas que propunham autossustentabilidade em oposição à índole famigerada do capitalismo. A ideia de uma terra que se renova e de homens que usam o conhecimento a fim de viabilizar essa renovação sinalizou uma porta que Diana ainda não enxergava.

²⁹ <http://www.sociedadebudistadobrasil.org/>

Ou enxergava sempre, desde sempre, com tremendo desdém com a recusa do *não faço esse estilo*. Ergueu-se um teatro mágico em que as escolhas por tais caminhos se seguiam ou não. O *ou não* muda tudo. Naquela casa de Santa Teresa onde pessoas se reuniam para se descondicionarem do *a vida é assim*, existiam todas as idades e, surpreendentemente, dentro do padrão de beleza valorizado pela mídia. Não se tratavam de seres que paravam ali por falta de alternativa. Por serem feios ou não serem promissores. Curiosamente, todos eles, na esfera das identidades, eram formados em psicologia, música, artes, biologia. Homens que sentiram nas conversas usuais no modo de vida preconizado o miasma espiritual que em sussurro urgia *saltem fora. Saltem fora dentro, mas saltem fora*. Mais que a necessidade pela criação de conceitos ou pela feitura de uma nova obra intelectual, a ausência de uma prática espiritual abriu um enorme buraco em cada um de nós. Cada um de nós, homens da mesma espécie, homens nada além de outra espécie, que desconfiavam *do que pode a mente* e por isso recorreram à meditação. E por isso encontraram também na filosofia budista fundamentos racionais (porque, uma vez adestrados pelo pensamento, não compactuaríamos com a fé cega) que buscavam faxina constante.

Sobre sociedades que se especializaram na destruição, aquelas que integramos hoje, Thich Nhat Hanh sugere com serenidade que aceitemos que, tal como outras, esta civilização vai acabar. Exemplifica que às vezes doentes terminais, ao se defrontarem com o diagnóstico de que morrerão em poucos meses, só após a aceitação se recompensam de paz. No acolhimento do imponderável, talvez se abra a portilha do não-desespero que transforme esse *modus vivendi* admitido como modelo.

Existem homens cuja gênese depende do plural. Nós homens *entre* não avançamos nem retrocedemos de onde agora respiramos.

E, porque fantasiemos identidade, imaginem como desfecho sequência externa estrada de terra, Diana andando e como todo personagem se autoafirma se justifica normalmente através de palavras, optemos pelo recurso da voz in off.

DIANA

Meu nome é Diana. Eu poderia mudar se quisesse. Mas Diana significa meditação.